

ELIZÂNGELA DE MORAES PEREIRA

**A CONCEPÇÃO DA ESCOLA SOBRE O SEU
PAPEL NO DESENVOLVIMENTO MORAL DAS
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Orientadora: Profª. Dra. Maria Eduarda Margarido Pires

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

**Lisboa
2017**

ELIZÂNGELA DE MORAES PEREIRA

**A CONCEPÇÃO DA ESCOLA SOBRE O SEU
PAPEL NO DESENVOLVIMENTO MORAL DAS
CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Ciências da Educação da Escola Superior de Educação Almeida Garrett em cumprimento das exigências para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Maria Eduarda Margarido Pires

Coorientadora: Prof^a. Dra. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Escola Superior de Educação Almeida Garrett

**Lisboa
2017**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família que foi meu alicerce e porto seguro perante as dificuldades durante este percurso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A minha família que sempre me apoiou e incentivou a estudar e buscar meus objetivos.

A instituição ESEAG por ter me dado a chance e todas as ferramentas que permitiram chegar hoje ao final desse ciclo de maneira satisfatória.

A Prof^a Dr^a Maria Eduarda Margarido Pires, minha orientadora pela atuação em todas as etapas desta investigação.

A Prof^a Dr^a Maria das Graças Ataíde Andrade de Almeida, minha coorientadora que me orientou brilhantemente, sempre me auxiliou em minhas dúvidas, obrigada não só pela orientação, mas pelo exemplo que é para minha vida.

Em especial a minha querida amiga Izabel Cristina, que sempre me incentivou, ajudou e pacientemente me ouviu durante a construção deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta dissertação, sintam-se todos abraçados e que Deus proteja, ilumine e guie sempre nosso caminho.

RESUMO

Pereira, Elisângela de Moraes(2017). A CONCEPÇÃO DA ESCOLA SOBRE O SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO MORAL DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Lisbon, 181 p. Dissertation (Master in Educational Sciences / ESEAG)

Este estudo tem como questão de partida saber quais as concepções dos professores e gestores acerca do papel da escola no desenvolvimento moral das crianças na Educação Infantil? As categorias teóricas eleitas foram ética, educação infantil e cultura da escola. A investigação teve o aporte teórico metodológico da abordagem qualitativa âmbito do estudo de Caso (Yin, 2001). Os instrumentos de recolha de dados foram a entrevista semiestruturada e a observação. A observação foi um instrumento fundamental para que fosse possível entender as relações de sociabilidade no cotidiano da sala de aula, para além de identificarmos como os professores lidam com os valores morais no dia a dia na prática pedagógica. As categorias eleitas, cultura da escola, ética e educação infantil deram o aporte teórico à pesquisa empírica. A investigação teve como sujeitos 1 gestora, 2 educadoras de apoio de 6 professoras, que representaram o universo dos sujeitos da escola. O *locus* foi uma escola situada em Arcoverde, sertão de Pernambuco, Brasil, que dista cerca de 300 km da capital, Recife. Os instrumentos para análise dos dados foi a Análise de Discurso (AD). Os resultados mostram que a escola vê a família como a que deve ter responsabilidades sobre a construção destes valores. A escola não consegue ainda apreender seu papel histórico na formação do cidadão e na desconstrução de habitus (Bourdieu, 2008) trazidos pelas crianças da experiência familiar, para a construção de novos habitus que ajudam na construção do aluno cidadão.

Palavras-chave: discurso; Educação Infantil; valores morais; cultura

ABSTRACT

PEREIRA, Elisângela de Moraes(2017). THE CONCEPTION OF THE SCHOOL REGARDING ITS ROLE IN THE MORAL DEVELOPMENT OF CHILDREN IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION. Lisbon, 96 p. Dissertation (Master in Educational Sciences/ ESEAG).

This study has as a starting point to know the conceptions of the teachers and managers about the school's role in the moral development of children in Early Childhood Education. The theoretical categories chosen were: ethics, Early Childhood Education, and school culture. The research used the theoretical and methodological scope of a qualitative approach for its case studies (Yin, 2001). The instruments of data collection were semi-structured interview and observation. Observation was a fundamental instrument for understanding the relationship of sociability in a classroom everyday, in addition to identifying how teachers deal with moral values in daily life in their pedagogical practices. The elected categories - school culture, ethics, and Early Childhood Education - provided theoretical support to the empirical research. The investigation had as subjects 1 manager and 2 support educators of 6 teachers, thus representing the school universe. The *locus* was a school located in Arcoverde, in the middle of Pernambuco outback, about 300 km far from the capital city of that state, Recife. The instrument for data analysis was the Discourse Analysis (DA). The results demonstrate that those schools consider the family as having responsibilities regarding the construction of the student moral values. The schools still are not able to encompass their own historical roles in the formation of citizens and in the deconstruction of *habitus* (Bourdieu, 2008) present in children due to their familiar experience in order to build new *habitus* that could help the formation of a citizen student.

Keywords: speech; Early Childhood Education; moral values; culture

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AD	Análise de Discurso
BR	Brasil
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - ÉTICA E MORAL	13
I - ÉTICA E MORAL.....	14
CAPÍTULO II - ÉTICA, EDUCAÇÃO INFANTIL E CULTURA DA ESCOLA	23
II – ÉTICA, EDUCAÇÃO INFANTIL E CULTURA DA ESCOLA.....	24
2.1. CULTURA DA ESCOLA E CONSTRUÇÃO DE VALORES MORAIS.....	28
CAPÍTULO III - PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: DELINEAMENTO DO ESTUDO	31
III PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: DELINEAMENTO DO ESTUDO	32
3.1. OBJETIVOS	32
3.1.1. OBJETIVO GERAL.....	32
3.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	32
3.2. TIPO DE PESQUISA: ABORDAGEM QUALITATIVA.....	32
3.3. LOCUS DA PESQUISA.....	33
3.4. SUJEITOS DA PESQUISA	33
3.5. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	34
3.5.1. OBSERVAÇÃO.....	34
3.5.2. ENTREVISTAS	34
3.5.3. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	35
3.6. INSTRUMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	36
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS ..	37
IV APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	38
4.1. FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD): CONCEPÇÃO DA ESCOLA – PROFESSORES E GESTOR- ACERCA DOS VALORES MORAIS DAS CRIANÇAS.	38
4.2. FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD): PROFESSORES E O SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DE VALORES NO COTIDIANO DA SALA DE AULA.....	40
4.3. FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD): O LUGAR DA CULTURA DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DE VALORES ENTRE OS ALUNOS	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
BILIOGRAFIA	47
LEGISLAÇÃO.....	50

WEBGRAFIA	50
APÊNDICES	51
APÊNDICE I - CARTA-CONVITE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE	
ESCLARECIMENTO PARA OBSERVAÇÃO E ENTREVISTA	52
APÊNDICE II - GUIÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR	53
APÊNDICE III - GUIÃO DE ENTREVISTA DO EDUCADOR DE APOIO	55
APÊNDICE IV - GUIÃO DE ENTREVISTA DO GESTOR	57
APÊNDICE V - RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS DA GESTÃO	59
APÊNDICE VI - ENTREVISTA EDUCADOR DE APOIO	61
APÊNDICE VII - ENTREVISTA PROFESSORES	64
APÊNDICE VIII - RELATOS DE OBSERVAÇÃO	77

INTRODUÇÃO

Os valores morais a princípio são transmitidos para as pessoas nos seus primeiros anos de vida, em seu convívio familiar. Posteriormente este indivíduo vai assimilando os seus valores, a partir de suas experiências adquiridas no convívio em sociedade. Para Bourdieu (2008), essa forma de estabelecer valores são os *habitus* construídos pelos espaços em que o indivíduo vive, representando

“um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas.” (p. 65)

O pensamento sobre ética e a moral sugere reflexões delas decorrentes a respeito de temas como os da solidariedade, da tolerância da responsabilidade, das identidades e dos direitos. Viver sob parâmetros éticos exige a escolha de princípios do agir em consenso com os quais se possa regular a curso da vida. Para Boto (2001, p.138), “adultos e crianças: todos desejando aparentar adolescência. Em tal cenário não há lugar para a responsabilidade em relação ao mundo. A quem compete transmitir, preservar e fazer existir os valores e os conhecimentos acumulados?” A educação pode refletir os paradigmas e o imaginário coletivo da sociedade de onde fala, reproduzindo valores, saberes, práticas, crenças, tradições, mas, também vicissitudes, incertezas, perplexidades e contradições que permeiam o tecido social. E em vista da globalização e do conflito de valores que acompanha hoje a sociedade se faz necessário repensar na necessidade do estudo da ética e da moral em sala de aula, sobretudo na Educação Infantil. Bauman (2001, p. 6), em seu livro *Modernidade Líquida* diz que:

“A tarefa dos indivíduos livres era usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificamos como corretos e apropriados para aquele lugar. São esses padrões, códigos e regras a que podíamos relacionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta. Isso não quer dizer que nossos contemporâneos sejam juntos guia dos tão somente por sua própria imaginação e resolução e sejam livres para construir seu modo de vida a partir do zero e segundo sua vontade, ou que não sejam mais dependentes da sociedade para obter as plantas e os materiais de construção.”

Tanto o meio em que se vive, como as peculiaridades fisiológicas podem interferir no desenvolvimento da personalidade do ser humano, que não é indiferente e, portanto, tem uma função ligada na construção dos valores e de normas de comportamento, conforme se inter-relaciona com o ambiente no qual está inserido. Preocupa, portanto, a condição do meio que

as crianças estão se desenvolvendo, entendendo esse meio como a escola, a família, enfim, todos que ajudam a construir as relações sociais.

Neste trabalho o ambiente escolhido para essa investigação foi a escola, e a questão de partida é saber quais as concepções dos professores e gestores acerca do papel da escola no desenvolvimento moral das crianças na Educação Infantil?

Algumas teses, dissertações e artigos tratam dessa temática como por exemplo a tese de Gouveia (1998, UCM), defendida na Complutense de Madri, “La naturaleza de los valores descriptores Del individualismo y Del colectivismo: Una comparación intra intercultural”, onde o autor procura estabelecer a relação do individualismo e coletivismo com os valores morais; Entre várias dissertações que se voltam ao tema destacamos: Tedesco (2012, UNOESC) “Reflexões sobre o Ethos: da ética a uma educação humanizadora na perspectiva de Henrique C. de Lima Vaz”, coloca que a educação é peça fundamental para conservar os valores constituídos na comunidade e, assim, torná-los costumes na tradição por meio dos hábitos efetuados na práxis humana; Scarcelli (2009, UNOESTE) “Ética numa escola pública de tempo integral” aborda que a ética é um dos temas centrais no processo de humanização das pessoas e na solução de nossa crise econômica e social; Lima (2003, UEP) “A Ética e o Ensino Infantil: O desenvolvimento Moral na pré escola” coloca que educação e ética são dois pólos de uma mesma construção; Virões (2013, ULHT) “O papel da escola da educação de valores” analisa que a educação em valores é um processo que mantém relação direta com os aspectos especificamente humanos do indivíduo; Nunes (2011, UEL) “Autonomia como pressuposto ético para a educação: Uma leitura de Paulo Freire” coloca que a criança enquanto estrangeira, num mundo do estranho que já possui sistemas e valores, precisa ser gradativamente introduzida no mundo, tal introdução se realiza mediante a educação”; Artigos também abordam esta temática, como Dias (2005) “que a autonomia se constitui no fundamental da educação moral e designa um campo de problematização de âmbito individual e coletiva no qual o sujeito, preocupado com suas ações e com as consequências que possam delas advir, se situa”; analisa concepções sobre autonomia educação moral de educadores infantis e relaciona tais concepções com desenvolvimento de práticas pedagógicas na educação infantil; Peloso (2007) “a responsabilidade ética no exercício da ação docente é condição necessária para a prática formadora, pois na ética está expressa a natureza da prática educativa”; discute a concepção de professores sobre o que é educação infantil e sua finalidade; Gonçalves (2007) “as relações das crianças com seus professores ou familiares e entre elas mesmas, tem um impacto sobre suas experiências e seu

desenvolvimento social e moral”, refere-se á falta de limites evidencialmente desde o início da infância.

Para além dessas teses, dissertações e artigos e a partir desta temática e de vários estudos relacionados elencamos alguns questionamentos acerca do tema, para compreender as concepções dos professores em relação a este assunto: como essa problemática é vivenciada pelos professores da Educação Infantil? Que práticas pedagógicas são utilizadas para trabalhar o tema? Qual o papel da cultura da escola para o desenvolvimento dos valores morais nas crianças?

Essa investigação sobre ética e a moralidade na educação infantil, demanda que nos aprofundemos teoricamente sobre a ética e a moral, temas, por si, só, complexos. Kant construiu a autonomia, como auto-legislação, com base na sua ética, porque, para ele, o livre-arbítrio do homem, como caráter natural, se revela na obediência à lei que para si próprio legislou. Para ele, a lei moral deve ser obedecida porque ela é universal, absoluta, incondicional e não sujeita ao tempo.

“O valor moral da ação não reside, portanto, no efeito que dela se espera; também não reside em qualquer princípio da ação que precise pedir o seu móbil a este efeito esperado. Pois todos estes efeitos (a amenidade da nossa situação, e mesmo o fomento da felicidade alheia) podiam também ser alcançados por outras causas, e não se precisava, portanto para tal da vontade de um ser racional, na qual vontade – e só nela – se pode encontrar o bem supremo e incondicionado. Por conseguinte, nada senão a representação da lei em si mesma, que em verdade só no ser racional se realiza, enquanto é ela, e não o esperado efeito, que determina a vontade, pode construir o bem excelente a que chamamos moral.” (Kant, 1995, p. 31-2)

Lucien Sève (1999) ressalta que o trabalho da educação pode gerar, desde a mais tenra idade, a interação pluralista dos pontos de vista e dos argumentos, uma concepção para a democracia participativa. Para ele, a concepção da ética na educação consiste em:

“Desenvolver com os alunos, através de atividades mono e multidisciplinares, a sensibilização para os problemas e exigências, a apropriação de conhecimentos e idéias, a experiência freqüente do intercâmbio de pontos de vista e de argumentos, sem o que se pode chegar a uma maneira rica culturalmente de ser formar uma opinião pessoal.” (p. 147)

Nesse sentido o aporte teórico para essa investigação elege as categorias: Ética, Educação Infantil e Cultura da escola, as quais deram suporte à pesquisa empírica. A partir delas o estudo foi organizado em cincocapítulos e as considerações finais.

O primeiro capítulo “Ética e Moral” tratou da ética e da moral em sua essência ao longo do tempo e sua influência na vida humana.

O segundo capítulo “Ética, Educação Infantil e Cultura da Escola” abordou ética e moral nos primeiros anos da vida escolar das crianças e a contribuição que esse ambiente

pode proporcionar na construção de desses valores. Essa abordagem se fez no âmbito da cultura da escola que define o modo pelo qual a escola exprime seus valores e sua cultura interna.

O terceiro capítulo “Percurso metodológico da pesquisa: delineamento do estudo” abordou o percurso metodológico desta investigação, destacando tipo de pesquisa, desenvolvimento da pesquisa prática, tratamento dos dados, entre outros.

O quarto capítulo “Apresentação e Análise de Dados” foi trabalhado os resultados da pesquisa empírica e a apreciação dos resultados com base na confrontação dos dados recolhidos e as teorias analisadas.

As “Considerações Finais” estão contidas as abordagens das questões significativas considerando os objetivos traçados e os dados revelados. Esperamos que essa pesquisa seja um instrumento reflexivo em relação ao tema abordado.

CAPÍTULO I

ÉTICA E MORAL

I - ÉTICA E MORAL

A ética (Ethos, do grego, costume) passou a ser objeto de estudo em meados do século VI a.C.. Na cultura grega antiga, a ética estava intimamente relacionada com a virtude e com a felicidade. Em Fédon, de Platão (1996, p.148), é explicitado como Sócrates utiliza conceitos básicos em relação à razão para definir sua ética distinguindo as almas “boas” das “más”, pois, para Sócrates o homem é capaz de conhecer o Bem e distingui-lo do Mal. E, sendo virtuoso, o homem alcançaria a sua felicidade. Vazquez (1975) traz o conceito de ética em Sócrates:

“Bondade, conhecimento e felicidade se entrelaçam estritamente. O homem age retamente quando conhece o bem e, conhecendo-o, não pode deixar de praticá-lo; por outro lado, aspirando ao bem e, sente-se dono de si mesmo e, por conseguinte, é feliz.” (Sócrates apud Vazquez, p. 270)

Nesta lógica a visão de Sócrates é que, a moral é o ápice da filosofia. Ele acreditava que o único meio de se alcançar a felicidade era praticando a virtude através da atitude filosófica. A felicidade para ele não se resumia a bens materiais, a moral é portanto, um bem viver. Esta doutrina é uma das mais características, a que melhor retrata a moral socrática. Todavia o que mais fascina na história de Sócrates relatada por Platão é que sua ética não se limita somente às suas doutrinas, ele em si, era uma pessoa ética, e por isso transparecia em todas suas atitudes. Sócrates acreditava que servir a polis significava viver justamente e ensinar o jovem a pensar não somente em si mesmo, mas, acima de tudo, na sociedade, formando cidadãos sábios e honestos, pois para ele o mal era fruto da ignorância, e esta é incapaz de virtude, quem sabe o que é o bem não poderá deixar de agir virtuosamente. Por este motivo diz-se que sua moral defendia o conhecimento através da racionalidade.

Padovani e Castagnola (1984) apontam Sócrates como “o fundador da ciência em geral mediante a doutrina do conceito, assim é o fundador, em particular, da ciência moral, mediante a doutrina de que eticidade significa racionalidade, ação racional” (p. 113). Para ele o supremo bem, a virtude máxima é a sabedoria, Assim como Platão e Aristóteles, considerava o homem um ser social e político.

Platão trabalhando com a temática do corpo aponta que o prazer escraviza a alma no corpo, fazendo com que ela seja presa em vida e que, de tão reprimida à satisfação dos prazeres corporais, não possa sequer desfrutar da caducidade como fazem todas as almas ao se livram do corpo, pois logo encarnaria em outro corpo. Platão acreditava que “a prática da virtude é a coisa mais preciosa para o homem”. Ele condenava uma vida voltada para os prazeres, pois, parece ele acreditar numa vida depois da morte. A virtude é descrita por Platão

como um hábito que conduz ao bem. “O Bem não se identifica ao prazer- pois existem bons e maus prazeres – nem ao conhecimento – pois está implicado na definição deste” (Platão, 1965, p.33). O mal é um problema e que deve ser evitado e o bem é um objeto e produz a felicidade. Para Platão “o sábio não é então um cientista teórico, mas um homem virtuoso ou que busca a vida virtuosa e que assim consegue estabelecer, em sua vida, a ordem, a harmonia e o equilíbrio que todos desejam” (Valls, 1994, p. 26).

“Todo ser vivo tende naturalmente ao Bem e manifesta tal tendência procurando imitá-lo na medida de suas forças. Segue-se que o conhecimento tem por resultado imediato iluminar a ação e facilitar o esforço para o Bem, enquanto a ignorância paralisa este esforço ou o desvia de seu verdadeiro fim.” (Platão, 1965, p. 40)

Por isso os homens deveriam procurar durante esta vida, a idéia do Bem. “A virtude também é uma purificação, através da qual o homem aprende a desprender-se do corpo com tudo o que este tem de terreno e sensível, e desprender-se do mundo do aqui e agora para contemplar o mundo ideal, imutável e eterno” (Valls, 1994, p. 26). Acreditando que a felicidade é o núcleo das preocupações éticas e almejando essa felicidade especialmente para depois da morte, logo, “a ética platônica é a idéia do Sumo Bem, da vida divina, da equivalência de contemplação filosófica e virtude, e da virtude como ordem e harmonia universal” (Valls, 1994, p.28).

Aristóteles (apud Chauí, 2000), argumentava que “na práxis, o agente, a ação e a finalidade do agir são inseparáveis. Assim, por exemplo, dizer a verdade é uma virtude do agente, inseparável de sua fala verdadeira e de sua finalidade, que é proferir uma verdade” (p. 438). A ética aristotélica é distinguida pelos fins que precisam ser obtidos para que o homem apreenda a felicidade. Para ele, somos éticos em tudo que fazemos tendo em vista uma intenção boa ou virtuosa. Isso leva a idéia de que o agente, a idéia e a finalidade do agir são inseparáveis.

“Quanto á excelência moral, ela é produto do hábito (...). É evidente, pois, que nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza, visto que nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito. Por exemplo, a pedra, que por natureza se move para baixo não pode adquirir o hábito de ir para cima ainda que tentássemos adestrá-la jogando-a dez mil vezes para cima (...). Não é, portanto, nem por natureza nem contrariamente à natureza que as virtudes geram em nós; antes devemos dizer que a natureza nos dá a capacidade de recebê-las, e tal capacidade se aperfeiçoa com o hábito (...). Adquirimos as virtudes pelo exercício, tal como acontece com as artes. Efetivamente, as coisas que temos que aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo; por exemplo, os homens tornam-se arquitetos construindo, e tocadores de lira tocando esse instrumento; e do mesmo modo, tornamo-nos justos praticando atos justos, moderados agindo moderadamente, e igualmente com a coragem, etc.” (Aristóteles, 2007, pp. 40- 41)

Em *Ética a Nicômaco* (2007), Aristóteles considera que a finalidade das ações humanas é o bem, o bem supremo, por ele chamado felicidade. E a busca pela felicidade não deve se apoiar em outros interesses, nem, em outra coisa além dela própria. Para ele ter uma vida feliz está ligado a ser uma pessoa de boas ações, que age bem, que associa a felicidade com a virtude.

“Ora, nem as virtudes nem as deficiências morais são paixões, pois não somos chamados bons ou por causa das nossas paixões, e sim por causa das nossas virtudes ou vícios; e não somos louvados ou censurados por causa das nossas paixões (...); mas somos louvados ou censurados por nossas virtudes ou vícios. Além disso, sentimos cólera e medo sem nenhuma escolha de nossa parte, mas as virtudes são certos modos de escolha ou envolvem escolha. E mais: co respeito às paixões se diz que somos movidos, mas com relação às virtudes e aos vícios não se diz que somos movidos, e sim que temos esta ou aquela disposição.”(Aristóteles, 2007, pp. 46-47)

Para Aristóteles (2007) ser feliz é usar a razão com profundidade e fazer de tal modo que isso se torne uma virtude. Para ele “há duas espécies de virtude, a intelectual e a moral. A primeira deve, em grande parte, sua geração e crescimento no ensino, e por isso requer experiência e tempo; ao passo que a virtude moral é adquirida em resultado do hábito (...)” (p. 40). Para ele o homem tem o seu ser no viver, no sentir e na razão, não pode somente viver, mas ele necessita viver racionalmente, isto é viver de acordo com a razão, é preciso buscar um equilíbrio corporal, espiritual e social para a vida que a vida humana se realize como expressão da felicidade. Segundo a análise de Valls (1994) “o ser do homem é substância composta: corpo material e alma espiritual. Como o corpo é sujeito às paixões, a alma deve desenvolver *hábitos* bons, uma vez que a virtude é sempre uma força adquirida, um hábito, que não brota espontaneamente da natureza (p. 33).”

“A virtude é, então, uma disposição de caráter relacionada com a escolha de ações e paixões, e consiste numa mediania, isto é, a mediania relativa de nós, que é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. É um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta, pois nos vícios ou há falta ou há excesso daquilo que é conveniente no que concerne às ações e às paixões, ao passo que a virtude encontra e escolhe o meio-termo. Portanto, acerca do que ela é, isto é, qual é a definição da sua essência, a virtude é uma mediania, porém com referência ao sumo bem e ao mais justo, ela é um extremo.” (Aristóteles, 2007, p. 49)

Para Chauí (2000), somos seres dotados de vontade e que dela depende dizer a verdade ou a mentira. E que o ser ético, dentre outras condições, pode:

“Distinguir entre verdade e mentira e distinguimos mentiras inaceitáveis de mentiras aceitáveis, não estamos apenas nos referindo ao conhecimento ou desconhecimento da realidade, mas também ao caráter da pessoa, à sua moral. Acreditamos, portanto, que as pessoas, porque possuem vontade, podem ser morais ou imorais, pois cremos que a vontade é livre para o bem ou para o mal.” (p. 7)

Certamente, Sócrates preencheu com perfeição tal requisito, não temendo o sistema em que vivia, levantando questionamento de maneira peculiar e desconcertante através da maiêutica para muitos que se julgavam sábios e, ao mesmo tempo, reconhecendo a sua própria ignorância. Sentiu-se livre para formar pessoas que não buscassem apenas interesses pessoais, que se preocupassem com conceitos verdadeiros, pagando pelas suas crenças o preço da sua própria vida. Ainda, segundo Chauí (2000), podemos dizer que:

“A partir dos textos de Platão e Aristóteles, que no ocidente a ética ou filosofia moral, inicia-se com Sócrates. Ele pronunciava que nossos sentimentos, nossas condutas, nossas ações e nossos comportamentos são modelados pelas condições em que vivemos (família, classe e grupo social, escola, religião, trabalho, circunstâncias políticas, etc.). Somos formados pelos costumes de nossa sociedade, que nos educa para respeitarmos e reproduzirmos os valores propostos por ela como bons e, portanto, como obrigações e deveres. Dessa maneira, valores e maneiras parecem existir por si e em si mesmos, parecem ser naturais e intemporais, fatos ou dados com os quais nos relacionamos desde o nosso nascimento: somos recompensados quando os seguimos, punidos quando os transgredimos.” (pp. 436-437)

Em relação à consciência moral, Chauí (2000), mostra que para existir o comportamento ético é necessário que haja o autor consciente, que diferencia o certo e errado, o bem e mal, o lícito e o ilícito, virtude e vício. A consciência moral, além disso, é se reconhecer apto para avaliar a importância das ações e das condutas e de atuar em consonância com os valores morais, sendo por isso responsável por seus atos e seus anseios e por implicações do que faz e sente. “Consciência e responsabilidade são condições indispensáveis da vida ética” (p. 433).

“A consciência moral manifesta-se, antes de tudo, na capacidade para deliberar diante de alternativas possíveis, decidindo e escolhendo uma delas antes de lançar-se na ação. Tem a capacidade para avaliar e pesar as motivações pessoais, as exigências feitas pela situação, as consequências para si e para os outros, a conformidade entre meios e fins (empregar meios imorais para alcançar fins morais é impossível), a obrigação de respeitar o estabelecido ou de transgredi-lo (se o estabelecido for imoral ou injusto). A vontade é esse poder deliberativo e decisório do agente moral. Para que exerça tal poder sobre o sujeito moral, a vontade deve ser *livre*, isto é, não pode estar submetida à vontade de um outro nem pode estar submetida aos instintos e às paixões, mas, ao contrário, deve ter poder sobre eles e ela.”s (Chauí, 2000, p. 433)

Assim, praticando a filosofia através do uso da razão, o homem virtuoso buscará o conhecimento e se aproximará do mundo dos conceitos, podendo gozar da felicidade.

“O sujeito ético ou moral não se submete aos acasos da sorte, à vontade e aos desejos de um outro, à tirania das paixões, mas obedece apenas à sua consciência – que conhece o bem e as virtudes – e à sua vontade racional – que conhece os meios adequados para chegar aos fins morais. A busca do bem e da felicidade são a essência da vida ética” (Chauí, 2000, pp. 439- 440).

A conduta de Sócrates como uma pessoa ética, assim como as suas idéias, permanece intimamente ligada a esta disciplina, visto que foi o primeiro a discutir valores morais. Com o passar do tempo, as sociedades mudaram e também mudaram os homens que as formaram, e conseqüentemente os valores éticos e morais foram adaptando-se ao contexto histórico social. “A moral, em uma determinada sociedade, indica o comportamento que deve ser considerado bom e mau. A ética procura o fundamento do valor que norteia o comportamento, partindo da historicidade presente nos valores.” (Rios, 2011, p. 35).

Pois, houve época que a existência de escravos era legítima, porque as pessoas não eram consideradas iguais entre si. Mulheres já foram tidas como seres inferiores aos homens, a tortura era prática aceitável. Nos dias atuais essas práticas indignam muitas pessoas e são consideradas imorais. “A ética se apresenta como uma reflexão crítica sobre a moralidade, sobre a dimensão moral do comportamento do homem” (Rios, 2011, p. 34). A ética é racional e o convívio das pessoas, das comunidades, da nação e a reciprocidade interpessoal estabelecem eticidade de nossos comportamentos e ações. É isto que torna a ética objetiva. Somos éticos em relação a alguém e não porque obedecemos às normas.

“Enquanto os outros animais, com relação ao seu bem-estar, estão determinados unicamente por seus sentimentos de prazer de desprazer, no caso dos homens estes sentimentos podem ser dirigidos pela reflexão. Temos não apenas sentimentos e afetos, mas a possibilidade de nos conduzir refletidamente em relação a eles, e nosso bem-estar, nossa felicidade no sentido subjetivo, depende de que façamos bem.” (Tugendhat, 1996, p. 264)

A racionalidade ética, isto é, a capacidade da razão de instituir valores universais de conduta, que em princípio não estariam comprometidas com qualquer interesse histórico e simplesmente representariam a Verdade e o Bem. É preciso distinguir entre agir por obrigação e agir por motivos morais, a especificidade da realidade humana é que leva a filosofia a instituir a distinção entre racionalidade teórica e prática.

“As proposições da ética devem ter o mesmo rigor, a mesma coerência e fundamentação das proposições científicas. Ao contrário, os princípios, as normas ou juízos de uma moral determinada não apresentam esse caráter. Não existe uma moral científica. (...). A moral não é ciência, mas objeto da ciência; e, neste sentido, é por ela estudada e investigada. A ética não é a moral e, portanto, não pode ser reduzida a um conjunto de normas e prescrições, sua missão é explicar a moral efetiva. (...). A ética pode servir para fundamentar uma moral, sem ser em si mesma normativa ou preceptiva.” (Vázquez, 1975, p. 13)

Podemos dizer que a moral segundo Vázquez (1975), pode ser definida como “um conjunto de normas e regras destinadas a regular as relações dos indivíduos em uma comunidade social dada” (p. 25). A ética pode descrever o comportamento humano, o bem humano. Só os seres humanos são os únicos a realizarem atos éticos conscientes (e não éticos

também). Ética é a responsabilidade atrelada à consciência, é pensar que um direito obriga moralmente a um dever, e estes, estão ligados à consciência moral livre e à vontade dos sujeitos.

“Atos propriamente morais são somente aqueles nos quais podemos atribuir ao agente uma responsabilidade não só pelo que se propôs realizar, mas também pelos resultados ou conseqüências de sua ação. Mas o problema da responsabilidade moral está estreitamente relacionado, por sua vez, com o da necessidade e liberdade humana, pois somente admitindo que o agente tem certa liberdade de opção e decisão é que se pode responsabilizá-lo pelos seus atos.” (Vázquez, 1975, p. 91)

A ética tem a função de imprimir uma direção na vida, de mostrar estilos de vida. Ela é uma bússola que aponta os caminhos de realização pessoal e tem uma função de advertência: mostrar o caminho de construção ou destruição do homem. “Realizar escolhas é eleger objetos para o desejo. O critério das escolhas é sempre racional (...). É a escolhas que define o caráter de um ser humano. Suas virtudes se manifestam nas escolhas que realiza no curso de sua condição humana” (Gallo, 1997, p. 55).

As relações se traduzem em normas morais, leis, mandamentos religiosos, isto é, as normas fixam os costumes, as vivas entre as pessoas e a experiência humana, porém não são a ética, são parte da ética, mas em segundo plano. Sua função é importante porque regula o exercício das liberdades e a convivência social. Sem ela a sociedade e os grupos profissionais funcionariam e a convivência social.

Segundo Valls (1994), “no cristianismo, os ideais éticos se identificaram com os religiosos. O homem viveria para conhecer, amar e servir a Deus, diretamente em seus irmãos. [...] O ideal ético é o de uma vida espiritual, isto é, de acordo com o espírito, vida de amor e fraternidade” (p. 44). A idéia de virtude incorporada por Santo Tomaz de Aquino e Santo Agostinho “se define a partir da relação com Deus e não com a cidade ou com os outros. Deus nesse momento é considerado o único mediador entre os indivíduos. As duas principais virtudes são a fé a caridade” (Campus, 2008, p. 12).

Conforme Tomaz de Aquino, “as leis humanas são justas quando elas servem ao bem comum, distribuem as obrigações com justiça, não demonstram desrespeito a Deus, e não excedem a autoridade do elaborador da lei” (Lions, 1990, p. 18). Para ele “a lei não é outra coisa senão uma ordem da razão para o bem comum, promulgada por aquele que tem o cuidado de comunidade” (Lions, 1990, p. 17). Para ele a moralidade, não tem apenas a finalidade de satisfazer um formalismo abstrato, um imperativo sem fundamentação no ser, nem a mandamentos arbitrários, mas a mandamentos que estão no ser. A virtude é, para ele, um autêntico prolongar dos instintos, sempre que estes sejam autênticos, que sejam realmente

naturais. Se os atos de bem não realizam desde logo, a felicidade, eles são, no entanto, uma semente.

“Educação moral nos tempos modernos é um processo de familiarização com um discurso moral a partir de princípios gerais, ligados a circunstâncias concretas, pois a moral é constituída por regras limitadas, configuradas concretamente no interior de um mundo de circunstâncias, mas à luz de princípios éticos mais gerais. Estes princípios ou normas não especificam no detalhe as condições de sua validade e observância, mas insinuam a necessidade de uma aprendizagem de como, em determinadas circunstâncias, estes princípios devem ser vividos ou mesmo justificadamente transgredidos.” (Goergen, 2001, p. 153)

Segundo La Taille (1998), a imagem positiva de si pode ser um valor ético ou não-ético. Quando o sujeito tem a preocupação de ser incorruptível, por exemplo, ele será considerado ético. Mas, quando o sujeito tem o desejo de estabelecer sua imagem fundamentada no prestígio de ser abastado ou bonito, por exemplo, ele age de maneira não ética. E certamente seu desenvolvimento, enquanto sujeito, será influenciado dependendo da sua opção entre este ou aquele valor ético.

“De fato, alguém poderá ter uma imagem positiva de si que não inclua a dimensão moral. Alguém poderá ter sua identidade associada a valores como ser rico, bonito, bem-sucedido, enquanto outros permaneceriam periféricos. Entre esses outros valores poderão estar, justamente, os valores morais, como a honestidade, a coragem a lealdade, etc. Para outras pessoas, poderá ocorrer o contrário: os valores morais estarão no centro de sua identidade e de outros (como ser bonito ou rico) na periferia. É bem provável que o lugar ocupado por estes valores seja forte determinante da conduta. Se alguém vê a si próprio como essencialmente honesto, tenderá a agir de forma honesta para preservar a identidade e sentirá forte vergonha quando suas ações infringirem os imperativos desta virtude. Em compensação, outra pessoa que vê a si própria, sobretudo como ‘bonita’, ‘melhor que os outros’, ‘gloriosa’, certamente agirá de forma a preservar tais atributos, mesmo que, para isto, infrações morais precisem ocorrer.” (La Taille, 1998, pp. 14-15)

Conforme Kant, “o homem se sente responsável pelos seus atos, e tem consciência do seu dever” (Kant apud Vázquez, 1975, p. 282). Para ele a ética renuncia do prazer a favor da força de vontade que se fundamenta na razão pura. Para fundar uma ética, no seu devido lugar, é necessário sacrificar tudo aquilo que é da ordem do empírico. Ainda para Kant, o ser humano sofre do mal radical, que é sua limitação que torna inclinado a desobedecer ao princípio moral em prol do princípio do prazer.

Kant colocou a autonomia, como auto-legislação, como base de sua ética, porque, para ele, a liberdade do homem, como caráter nacional, se revela na obediência à regra que si próprio legislou. Para ele, a regra moral necessita ser obedecida porque ela é unânime, incondicional, irrestrita e não sujeita ao tempo.

“O valor moral da ação não reside, portanto, no efeito que dela se espera; também não reside em qualquer princípio da ação que precise de pedir o seu móbil a este efeito esperado. Pois todos estes efeitos (a amenidade da nossa situação, e mesmo o

fomento da felicidade alheia) podiam também ser alcançada por outras causas, e não se precisava portanto para tal da vontade de um ser racional, na qual vontade – e só nela – se pode encontrar o bem supremo e incondicionado. Por conseguinte, nada senão a representação da lei em si mesma, que em verdade só no ser racional se realiza, enquanto é ela, e não o esperado efeito, que determina a vontade, pode constituir o bem excelente a que chamamos moral.” (Kant, 1995, pp. 31-32)

Kantem *A Metafísica dos Costumes* (1797), diz que os desejos da natureza, logo, abrangem barreiras na alma do homem, quando ele em cumprimento do dever, esbarra em forças que a natureza humana, logo, que a ele podem se opor no momento em que ele necessita considerar que é um ser apto a resistir e realizar seu julgamento pela razão, não tempos depois, mas logo após, o ser humano tem que ponderar que praticar o que a lei lhe diz incondicionalmente que ele deve fazer. O indivíduo tem uma capacidade de querer, uma vontade que nem sempre combina com a razão. Para ele abrir mão da vontade em detrimento da razão estabelece uma obrigação para um ser, cuja finalidade não é buscar a própria felicidade. O comando ético universal de “agir conforme o dever a partir do dever” é meritório, uma vez que vai além do dever para as ações e torne a própria lei também o estímulo (p.234).

“[...] há um princípio subjetivo de recompensa ética, ou seja, uma receptividade para ser recompensado de acordo com as leis da virtude: a recompensa, especificamente, de um prazer moral que ultrapassa o mero contentamento consigo mesmo (que pode ser meramente negativo) e que é celebrada no dizer que, através da consciência desse prazer, a virtude é sua própria recompensa.” (Kant, 2003, p. 235)

Souza (2009) relata que para Kant a ética está relacionada e fundamentada nas questões da razão, isto é, as atitudes morais necessitam de estímulos exatamente racionais, e não empíricos. Por vezes, o homem se encontra num caminho que ele precisa escolher entre os anseios das suas emoções, ou segue em direção as cobranças da sua razão.

“Desse modo, o caminho para a moralidade implica renúncia dos prazeres sensíveis e de toda ação que possa ser motivada pela sensibilidade. A escolha pela lei na determinada da vontade requer a coerção pela razão dos impulsos sensíveis, e as ações efetuadas por essa razão dos impulsos sensíveis, e as ações efetuadas por essa vontade, para que possam ter valor moral, tem de ser realizadas exclusivamente por dever. O dever pode ser definido como a obrigação de todo ente racional de agir conforme a lei moral, isto é, conforme a representação pura e simples da lei.” (Souza, 2009, p. 133)

No entanto, Descartes (1596–1650) trata sobre o que fazer ou não, sobre o certo e o errado como uma questão que não pode permanecer em suspenso, há a necessidade de termos regras, parâmetros norteadores e para isso ele apresenta uma moral provisória que em resumo se constitui de três máximas: obedecer às leis e costumes do meu país, respeitando sempre a religião na qual Deus me deu a graça de ser educado desde a infância; ser o mais firme e o mais decidido possível em minhas ações; e, tratar sempre de vencer a mim mesmo e não ao

destino, mudando antes meus desejos que a ordem do mundo (Marcondes, 2000, pp. 83-84). Para Descartes, essa “moral provisória” deveria ser adotada até que uma verdadeira fosse desenvolvida baseada na investigação humana, pois , sua filosofia dedicava-se a questão do conhecimento e da fundamentação da ciência.

CAPÍTULO II

ÉTICA, EDUCAÇÃO INFANTIL E CULTURA DA ESCOLA

II – ÉTICA, EDUCAÇÃO INFANTIL E CULTURA DA ESCOLA

A educação pode ampliar a inquietação com a dimensão ética para desenvolver indivíduos solidários e cooperativos, auxiliando-os na construção da sua identidade e autonomia. Essa construção pode se dar por meio das interações sociais que a criança vivencia, as quais permitem a criação de um repertório de valores, crenças e conhecimentos. Embora a socialização da criança comece na família, outras instituições como a igreja, o clube e, principalmente, a escola, vão ampliando esse repertório.

Caporalli (1999), ao considerar o destaque que a escola dá aos conteúdos, afirma que:

“A escola ensina a contar, multiplicar e dividir, ensina o nome da capital da França, os rios que atravessam o Brasil, os planetas que compõem o sistema solar, o ciclo das chuvas e a vida das plantas, as quatro estações do ano, a temperatura em que a água ferve (...) A escola não ensina conceitos como cortesia, compaixão, generosidade, doçura, lealdade. Ninguém discute a razão pela qual muitos filósofos consideram a coragem a mais bela das virtudes. Ninguém mais adverte os garotos que ela pode se tornar perigosa se não for acompanhada de alguma outra virtude e de uma causa justa (p.23).”

Ética nunca é individual e estática. Ela tem sempre sentido de comunidade, pois o indivíduo fechado dentro de si não é ético, não tem sentido. Ele só tem sentido no seio da sociedade. Tudo é constituído em relações, sejam elas familiares, grupais, científicas, culturais, enfim, assim como a ética, nós também somos constituídos de relações. Se estas são estreitas e fechadas nós nos constituímos com problemas e conflitos. Por isso é importante que elas sejam amplas e abertas.

Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs):

“Ética pode também significar Filosofia da Moral, portanto, um pensamento reflexivo sobre os valores e as normas que regem as condutas humanas. Em outro sentido pode referir-se a conjunto de princípios e normas que um grupo estabelece para seu exercício profissional (...). Em outro sentido, ainda, pode referir-se a uma distinção entre princípios que dão rumo ao pensar sem, de antemão, prescrever formas precisas de conduta (ética) e regras precisas e fechadas (moral).” (Brasil, 1997, p. 69)

Caporali (1999) diz que a escola ensina como o mundo está cada vez mais competitivo, e que os estudantes devam se esforçar ao máximo para alcançar seus objetivos. Mas, deve-se também orientá-los para que eles a cada dia tornem-se pessoas que acreditem nos valores do caráter, que sejam solidários, mas, também competitivos, que sejam humildes, mas, também tenham consigo a prudência. As disciplinas escolares informam coisas, transmitem conhecimentos, métodos, práticas e saberes. Sentimento moral. Sentimento; moral. Esses são os conceitos, não há outros que digam a mesma coisa, nós não podemos temer, devemos enfrentá-los. Não basta às pessoas saberem que absolutamente não podem, ou

não devem fazer determinada coisa. É necessário sentir que é inadmissível, que é absurdo. São esses os desafios para que a escola possa contribuir para uma sociedade moralmente melhor que a nossa. O que é necessário na escola hoje é a cultura, a sensibilidade para os sentimentos humanos (pp. 41-48).

Segundo o *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (RCNEI), “a instituição de educação infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais que permeiam a sociedade na qual estão inseridas” (Brasil, 1998, p. 11).

A formação moral da criança pode ser iniciada desde cedo. É papel fundamental da família, ensinar aos filhos desde pequenos sobre o que é certo ou errado, o que podem ou não fazer e como devem agir quando introduzidas em um novo ambiente, como a escola, por exemplo. Pois, “uma alfabetização moral não pressupõe necessariamente recursos complexos” (Antunes, 2001, p. 11). Ao chegar, na escola a criança já traz consigo uma grande quantidade de informação recebida em casa ou lugares onde convive. Saberes que são construídos na vida prática de cada criança. Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996), coloca como dever da escola, “não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela, (...) mas também, discutir com os alunos a razão de ser de alguns saberes em relação com o ensino dos conteúdos (p. 23).”

Devries (1998, p. 50), em seu livro *A Ética na Educação Infantil* usa a expressão “crianças morais”, que ela define:

“como crianças que enfrentam questões interpessoais que são uma parte natural de suas vidas. Crianças pequenas são realistas morais. Elas baseiam seus julgamentos de certo e errado, bom e mau, no que lhes é observável, ou “real”. Já que a vida íntima de outros não é observável, as crianças centram seu raciocínio moral em circunstâncias observáveis, tais como consequências materiais e comportamentos de obediência literal a regras.” (p. 50)

Devries (1998, pp. 53-54) defende o estabelecimento e manutenção de um ambiente interpessoal na sala de aula que apóie o desenvolvimento social, moral, emocional e de personalidade das crianças. Devries enfatiza seu trabalho baseando-se nas pesquisas e na teoria de Piaget que descreve duas espécies de moralidades correspondendo a dois tipos de relacionamento adulto-criança: um que promove o desenvolvimento infantil e outro que o retarda. O primeiro tipo de moralidade é de obediência: moralidade “heterônoma”. E na visão de Piaget:

“Toda ordem, partindo de uma pessoa respeitada, é o ponto de partida de uma regra obrigatória. (...) A obrigação de dizer a verdade, de não roubar etc., tantos deveres que a criança sente profundamente, sem que emanem de sua própria consciência: são ordens devidas ao adulto e aceitas pela criança. Por consequência, esta moral do

dever, sob sua forma original, é essencialmente heterônoma. O bem é obedecer à vontade do adulto.” (Piaget, 1994, p. 154)

O segundo tipo de moralidade é a autônoma. Piaget (1994) mostra que “toda relação com outrem, na qual intervém o respeito unilateral, conduz à heteronomia. A autonomia só aparece com a reciprocidade, quando o respeito mútuo é bastante forte, para que o indivíduo experimente interiormente a necessidade de tratar os outros como gostaria de ser tratado (p. 155).”

“Reconhecemos, com efeito, a existência de duas morais na criança, a da coação e da cooperação. A moral da coação é a moral do dever puro e da heteronomia: a criança aceitado do adulto um certo número de ordens às quais deve submeter-se, quaisquer que sejam as circunstâncias. O bem é o que está de acordo, o mal o que está de acordo com estas ordens: a intenção só desempenha pequeno papel nesta concepção, e a responsabilidade é objetiva. Mas, à margem desta moral, depois em oposição a ela, desenvolve-se, pouco a pouco, uma moral da cooperação, que tem por princípio a solidariedade, que acentua a autonomia da consciência, a intencionalidade e, por consequência, a responsabilidade subjetiva.” (Piaget, 1994, p. 250)

De acordo com o RCNEI, “na moral autônoma, ao contrário, a maturidade de criança lhe permite compreender que as regras são passíveis de discussão e reformulação desde que haja acordo entre os elementos do grupo (Brasil, 1998, p. 14)”. Para Piaget, (apud Radespiel, 1998, p. 249), “a lógica é a moralidade do pensamento. E a moralidade é a lógica do comportamento”. O julgamento lógico, a compreensão de relatividade e arbitrariedade das regras e a possibilidade de negociá-las, avaliá-las, e comprometer-se com elas são características do estágio da autonomia.

Para Piaget, quando a criança é tratada de maneira justa, sendo incentivada a avaliar seus próprios atos, através da reflexão e análise do ato cometido, ela poderá alcançar a autonomia. Por outro lado, se for tratada com respeito unilateral, ou seja, com punições severas ou castigos, pode seguir o caminho do medo, insegurança e obediência sem questionar as regras que a ela são impostas. Este caminho não leva à autonomia. Piaget diz, (apud Radespiel, 1998, p. 251), “que através do respeito mútuo, a criança se sentirá (...) valorizada, desenvolvendo a noção de certo e errado”.

A Educação Infantil pode ser um passo primordial para a efetivação de uma “educação plena”. As propostas pedagógicas da educação infantil precisam buscar a interação entre as diversas áreas de conhecimento e aspectos da vida cidadã, com conteúdos básicos para a construção de conhecimentos, valores, cidadania e ética na criança. Ela pode estabelecer a relação da escola com a criança, que precisa ser vista com muito mais atenção e respeito. Não só por parte do educador, mas, por todos que fazem parte deste contexto.

“É absurdo e mesmo imoral (...) querer impor à criança uma disciplina totalmente elaborada, quando a vida social das crianças entre si é bastante desenvolvida para dar nascimento a uma disciplina infinitamente mais próxima da submissão interior própria à moral do adulto. É inútil, por outro lado, pretender transformar do exterior o pensamento da criança, quando seus gostos de pesquisa ativa e sua necessidade de cooperação bastam para assegurar um desenvolvimento intelectual normal. Portanto, o adulto deve ser um colaborador, e não um mestre, do duplo ponto de vista moral e racional. Mas, inversamente, seria imprudente contar só com a “natureza” biológica, para garantir o duplo progresso da consciência e da inteligência, quando constatamos como toda norma moral tanto quanto lógica são produtos da cooperação. Então, realizemos na escola um meio tal que a experiência individual e a reflexão em comum chamem uma à outra e se equilibrem.” (Piaget, 1994, p. 300)

É no ambiente escolar que a criança irá dar continuidade ao seu desenvolvimento. A escola precisa ser um espaço afetivo, seguro, estimulante e educativo que possibilitará um aprendizado capaz de influenciar o desenvolvimento futuro desse educando. Rios (2011, p. 49), afirma que “a escola intervém nos rumos da sociedade, e é também continuamente influenciada pelo que ocorre fora do seu âmbito, na sociedade global.

Para os PCNs (Brasil, 1997) a ética pode ser considerada, filosoficamente, um dos assuntos mais abordados na contemporaneidade. É um tema constante no dia a dia das pessoas. Refletir sobre a ética faz cada um discutir sobre a nossa liberdade de escolher o caminho mais adequado. Propõe que o indivíduo se pergunte se suas práticas e valores incorporados pela tradição e costumes são verdadeiramente legítimos. Segundo Valls (1994, p. 7), “ética é daquelas coisas que todo mundo sabe o que são, mas não são fáceis de explicar, quando alguém pergunta”. Ainda de acordo com os PCNs, “a reflexão sobre as diversas faces das condutas humanas deve fazer parte dos objetivos maiores da escola comprometida com a formação para a cidadania (Brasil, 1997, p. 32)”.

“Ensinar a compreensão” Morin (2000), acredita ser necessário esse tipo de educação, ensinamento:

“Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.” (Morin, 2000, p.93)

Segundo ele “a única verdadeira mundialização que estaria a serviço do gênero humano é a da compreensão, da solidariedade intelectual e moral da humanidade. (,,,) Compreender é também aprender e reaprender incessantemente (p. 102)”. Morin (2000) trata da ética do gênero humano como uma complexa tríade (indivíduo/sociedade/espécie) de onde surge a consciência. E esta se torna a base para ensinar a ética do futuro, e para isso, supõe a decisão consciente e esclarecida de: assumir a condição humana indivíduo/sociedade/espécie

na complexidade do nosso ser; alcançar a humanidade em nós mesmos em nossa consciência pessoal; assumir o destino humano em suas antinomias e plenitude (pp. 105-106).

“Poder-se-ia nos perguntar, finalmente, se a escola não poderia ser prática e concretamente um laboratório de vida democrática. Obviamente, tratar-se-ia de democracia limitada, no sentido de que um professor não seria eleito por seus alunos, de que a necessária autodisciplina coletiva não poderia eliminar a disciplina imposta e igualmente no sentido de que a igualdade de princípio entre os que sabem e os que aprendem não poderia ser abolida.” (Morin, 2000, pp. 112-113)

Todavia a autoridade não poderia ser incondicional, e poderiam ser instauradas regras de questionamento das decisões consideradas arbitrárias, especialmente com a instituição de um conselho de classe eleito pelos alunos, ou mesmo por instâncias de arbitragem externas. A reforma francesa dos liceus, realizada em 1999, instaura este tipo de mecanismo.

“Mas, sobretudo, a sala de aula deve ser um local de aprendizagem do debate argumentado, das regras necessárias à discussão, da tomada de consciência das necessidades e dos procedimentos de compreensão do pensamento do outro, da escuta e do respeito às vozes minoritárias e marginalizadas. Por isso, a aprendizagem da compreensão deve desempenhar um papel capital no aprendizado democrático.” (Morin, 2000, p. 112-113)

2.1. CULTURA DA ESCOLA E CONSTRUÇÃO DE VALORES MORAIS

O termo cultura, dada a sua complexidade semântica, está sujeito a inúmeras definições de sentido a ele atribuído. Na opinião de Chauí (2000, p. 295), a cultura pode ser entendida como “a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e crítica”, devendo ser vista como um ingrediente essencial na produção do homem.

Atualmente se ouve falar muito em diversidade cultural, contudo para Candau (2002, p. 133), “[...] a cultura da escola, [...] é constituída com base em um único modelo cultural, o hegemônico, apresentando um caráter monocultural [...]”.

A cultura é percebida como o modo de sentir, e atribuir significado ao que nos cerca. Nossa identidade é estabelecida culturalmente através do diálogo, do discurso que confere e ao qual é conferido significado. Portanto, as culturas consistem em práticas e valores que são interpretados e registrados discursivamente de modos diferentes por indivíduos e grupos sociais cujas ações e relações sociais são norteadas ou não por esses mesmos valores e práticas. A diferença de significado atribuído a tais valores e práticas está diretamente relacionada à identificação ou estranhamento de indivíduos e grupos com determinados valores e práticas. Ou, como afirma Hall (1997, p. 14), “a cultura não é nada mais do que a

soma de diferentes formações discursivas às quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas”.

Pettigrew (1996, p. 146), mostra que “a construção da cultura organizacional se dá a partir de um conjunto de valores e pressupostos que definem o modo pelo qual a organização conduz seus negócios”.

O conceito de cultura escolar passou a integrar a pesquisa educacional recentemente. De acordo com Nóvoa (1999), o conceito de “cultura organizacional”, originado no mundo das empresas, foi transposto para a educação na década de 1970, tendo se originado daí muitos trabalhos de investigação. O pressuposto é que as escolas, mesmo integradas em contextos sócio-culturais mais amplos, também produzem sua cultura interna que exprime os valores, as representações, expectativas, as crenças de seus membros.

Para Lück (1997, p. 66), a expressão gestão escolar surge num contexto de mudanças de paradigmas e refere-se ao “reconhecimento da importância da participação consciente e esclarecida das pessoas nas decisões sobre a orientação e manejo de seu trabalho”. A questão centra-se na democratização dos processos, na participação de todos nas decisões e na sua efetivação.

No que diz respeito à organização escolar, Sarmiento (1994), considera a fragilidade de suas diversas articulações ao ressaltar a importância do conceito de cultura organizacional, vista por ele como única capaz de permitir a compreensão de como se realiza a sua unidade organizacional. Para ele,

“São símbolos e mito, de uma maneira geral processos partilhados de significação que garantem às escolas não apenas credibilidade e legitimação (...) mas idéia de unidade, que as permite diferenciar de outras organizações sociais e, a nível de cada estabelecimento de ensino, de outras escolas.” (p.95)

Podemos entender que cultura escolar faz referência aos costumes particulares de interagir, de trabalhar, de agir e de pensar que se concretizam nas práticas diárias e expressam o jeito de ser característico da escola, o que alguns autores denominam a sua identidade. Lück (2011), diz:

“Que o clima organizacional e a cultura organizacional da escola expressam a personalidade institucional e determinam a real identidade do estabelecimento de ensino, aquilo que de fato representa, uma vez que se constitui em elementos condutor de suas expressões, de seus passos, de suas decisões, da maneira como enfrenta seus desafios, como interpreta seus problemas e os encara, além de como promove seu currículo e torna efetiva sua proposta político-pedagógica.” (p. 30)

Forquin (1993) trabalhando a questão da cultura, da eleição de conteúdos e da transposição didática afirma

“existe, entre educação e cultura, uma relação íntima e orgânica. Quer se tome a palavra “educação” no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer de restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda a educação é sempre educação de alguém, por alguém, ela supõe também, necessariamente a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de ‘conteúdo’ da educação.” (1993, p.10)

Este texto de Forquin nos remete para a transmissão, aquisição de crenças, hábitos, valores morais que estão inseridos na educação, que fazem parte da cultura da escola. Se pensarmos cultura da escola na linha de Júlia (2010), como normas, práticas vivenciadas no cotidiano da escola percebemos a relevância de uma cultura da escola que tenha em um dos seus focos a construção de valores morais.

Lembramos Luck (2009) quando assim conceitua:

“Identifica-se que a cultura é um conceito abstrato e que existe na subjetividade das pessoas que compõem a escola e a influenciam pelo seu modo coletivo de pensar ‘somos e agimos a partir do modo que pensamos’. Uma vez que aquela representação determina, em grande parte, o modo como as pessoas agem na escola e nela se orientam, é de grande importância conhecer, pela sua representação, a cultura da escola. Como também a cultura organizacional da escola é dinâmica e se constitui num fenômeno vivo e ativo no qual as pessoas se renovam e criam relações múltiplas para manter seu ideário, há na cultura um elemento de permanência, mas também um elemento evolutivo que encobre e dissimula a subjetividade, daí porque a compreensão da cultura organizacional ser desafiadora.” (p.120)

Neste sentido esta é uma visão desafiadora para a escola: construir um conhecimento multidisciplinar, que ajude a construir a cidadania.

CAPÍTULO III
PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: DELINEAMENTO
DO ESTUDO

III PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: DELINEAMENTO DO ESTUDO

Laville e Dionne (1999, p. 33), distinguem o pesquisador como alguém que avalia os fatos como parte do estudo que são atores e norteiam situações. O pesquisador enquanto ator do seu trabalho tem inclinações e interesses particulares e interessa-se por eles. Laville e Dionne (1999, p. 34), descrevem que em ciências humanas “o pesquisador é mais que um observador objetivo: é um ator aí envolvido”.

3.1. OBJETIVOS

3.1.1. OBJETIVO GERAL

- Analisar as concepções dos professores e gestores acerca do papel da escola no desenvolvimento moral das crianças na Educação Infantil.

3.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar como essa problemática é vivenciada pelos professores no cotidiano da sala de aula da Educação Infantil;
- Identificar que prática pedagógica é utilizada para promover o tema ética;
- Identificar se a cultura da escola contribui para o desenvolvimento dos valores morais nas crianças.

3.2. TIPO DE PESQUISA: ABORDAGEM QUALITATIVA

A investigação representa um conjunto de ações, que tem como suporte em métodos racionais e sistemáticos, com o objetivo de encontrar solução para um problema. As pesquisas existem porque há um questionamento e não há resposta ainda para ele por falta de informações (Silva & Menezes, 2001).

Esta investigação se volta para a abordagem qualitativa, no âmbito de um estudo de caso (Yin, 2001). Minayo (1993) conceitua pesquisa, seja qualitativa ou quantitativa, como uma

“atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.” (p.23)

A abordagem qualitativa se insere também no âmbito de um estudo de caso pela “capacidade de lidar com uma completa variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações.” (Yin, 2001, p. 19). Para o autor,

“o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas.” (p.23)

3.3. LOCUS DA PESQUISA



A pesquisa foi realizada em uma escola da zona urbana que contempla o ensino infantil em Arcoverde, município do estado de Pernambuco, pertencente à microrregião do Sertão do Moxotó. Principal pólo comercial e de serviços da região, que está distante da capital do estado cerca de 256 Km ocupando uma área de 350 899 Km², com uma população de cerca de 72 mil habitantes (IBGE, 2013).

A escola pesquisa possui em sua estrutura física 12 salas de aula, 1 laboratório de informática, 7 banheiros, 1 quadra poliesportiva, 1 cozinha e 1 diretoria. Na gestão da escola atuam 1 gestora, 1 secretária e 2 educadoras de apoio seu corpo docente é formado por 19 professores do ensino fundamental I e 6 professores do ensino infantil. A escola está inserida numa comunidade de baixa condição socioeconômica e atende cerca de 410 alunos no ensino fundamental I e 148 no ensino infantil, apesar de ser uma escola urbana também atende alunos oriundos de 4 comunidades rurais.

3.4. SUJEITOS DA PESQUISA

Nesta investigação os sujeitos representaram o universo da escola em estudo. Nessa perspectiva participaram da pesquisa a gestora, a educadora de apoio e 6 (seis) professores que representam o universo dos professores que lecionam na educação infantil da escola pesquisada. Mostrando a relevância dos sujeitos no corpo da investigação, Laville e Dionne

(1999, p.169) afirmam: “a importância dos documentos nas pesquisas em ciências humanas não descarta todo recurso direto às pessoas: estas se mostram freqüentemente a fonte melhor adaptada às necessidades de informação do pesquisador” .

3.5. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

3.5.1. OBSERVAÇÃO

Para Richardson “Genericamente, a observação é a base de toda investigação no campo social, podendo ser utilizada em trabalho científico de qualquer nível.” (Richardson, 2010; p. 259) Ludke e André (1986) chamam a atenção para o caráter científico da observação, sua validade e fidedignidade, através de uma sistematização da mesma: o que se vai observar, o tempo a ser utilizado, um roteiro.

Para tanto, elaborou-se um roteiro de observação que teve como meta identificar aspectos que permitissem criar inferências sobre a relação possível entre Educação Física e a formação das identidades.

Nesta linha, Laville e Dionne (1999) dizem,

“Que a observação por vezes tomará a forma concreta de uma grade de observação: vê-se então explicitamente intervirem os indicadores que orientam o olhar e organizam, em graus diversos, as observações coletadas. Em outros momentos, o suporte será menos explícito, mas será sempre sua preocupação de pesquisa que guiará o olho e o ouvido do pesquisador, levá-lo-á a ater-se a tal manifestação particular, deter-se em tal aspecto ou elemento.” (p. 176)

Nesta investigação foi utilizado um caderno de campo, do qual foram transcritas as observações, conforme apêndice

3.5.2. ENTREVISTAS

De acordo com Otávio Cruz Neto (1994, p. 57-58), sabe-se que “a entrevista não significa uma conversa neutra, mas sim uma coleta de fatos que serão analisados posteriormente a luz dos teóricos” e a opção pela entrevista semi-estruturada também nos possibilitará conciliar as entrevistas estruturadas e não-estruturadas a partir do entendimento que se tem acerca do problema a ser investigado.

No decorrer da comunicação verbal com o sujeito entrevistado é que o pesquisador passa a construir suas interpretações científicas, portanto:

“A postura do entrevistador deve ser sempre de respeito pelo entrevistado, pela sua cultura e valores; deve ser capaz de ouvir atenta e pacientemente e estimular o fluxo material de informações por parte do entrevistado; garantir um clima de

confiabilidade para deixar o entrevistado à vontade; com boa capacidade de comunicação verbal; estar atento não somente às respostas, mas, também a toda comunicação não verbal; os gestos; expressões; entonações, entre outras”. (Lüdke; André, 1986, p. 35).

Em relação às entrevistas, Rosa e Arnoldi (2008) vislumbram neste recurso de recolha de dados a relevância de ser possível perceber o comportamento dos sujeitos, seus sentimentos, crenças, valores, suas idéias. Optou-se nesta investigação pela entrevista semi estruturada, utilizando-se um guião para conduzir as entrevistas (apêndices II e III e IV). Trivínos (1987), conceituando a entrevista semiestruturada afirma:

“aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.” (p.146)

O primeiro passo na entrevista foi a apresentação com os participantes. Depois solicitou-se a utilização da gravação da entrevista, garantindo o anonimato.

Durante a entrevista, foi utilizada a tática do silêncio como atitude da pesquisadora, com o objetivo de demonstrar interesse pelo que era dito pelo entrevistado, através de gestos afirmativos, olhares e acenos de cabeça, realizando o menor número de intervenções possível. As intervenções foram feitas apenas nos casos de discursos confusos dos entrevistados, e que precisaram de esclarecimento; e quando foi necessário recompor o contexto das entrevistas por questões de fuga ao tema abordado.

3.5.3. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Com relação aos procedimentos da pesquisa, inicialmente entrou-se em contato com a escola. Buscou-se obter a autorização para realização do presente estudo através de um ofício contendo uma carta-convite com os objetivos da pesquisa e solicitação para agendamento de data e horário para a observação e entrevistas (apêndice I).

Realizadas as entrevistas e observações, as primeiras foram transcritas do caderno de campo (apêndice VIII) e as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas (apêndice IV, V e VI) para análise.

3.6. INSTRUMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados obtidos através das entrevistas e da observação, elegemos a abordagem teórico-metodológica da Análise do Discurso (AD), a fim de analisar os sentidos e os significados presentes nos discursos da escola e na práxis do cotidiano de sala de aula. Para Foucault (2005)

“Discurso é o caminho de uma contradição à outra: se dá lugar às que vemos, é que obedecem à que oculta. Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência.” (p.171)

As etapas que envolvem o trabalho de interpretação da produção discursiva são: as formas de produção do discurso; *corpus*; interdiscurso; formações discursivas; dito, não dito e silenciado.

A formas de produção do discurso se volta para o contexto em que o discurso é proferido. (Orlandi, 2005).

O *corpus* compreende o recorte dado na seleção dos textos a serem analisados no discurso, através da utilização de dizeres que se repetem, e que caracterizam enunciados que provêm de indivíduos enquanto ocupantes de um lugar institucional, enquanto agente sócio histórico e ideológico, e não enquanto indivíduos empíricos (Pinto, 2007; Orlandi, 2005). Na presente pesquisa, o *corpus* de análise constituiu-se de recortes, fragmentos de discursos produzidos pelos professores entrevistados, após leituras e releituras para identificação das palavras e expressões que se repetiram e marcaram os discursos.

O interdiscurso é considerado a memória discursiva, aquilo que já foi dito e é retomado. Nesta investigação os preconceitos e arquétipos em relação aos valores morais pré-existentes entre os alunos ficou claro na interpretação dos discursos.

As formações discursivas representam as similitudes do discurso e também as dispersões. O não dito e o silenciado representam um discurso latente, mas que é calado, silenciado. Para Orlandi (2005) o silêncio, por sua vez, não significa ausência de palavras.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

IV APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Estas análises representam o resultado das observações e do *corpus* do discurso das entrevistadas. Foram 9 entrevistas, distribuídas com 9 sujeitos: 1 gestora, 2 educadoras de apoio e 6 professoras.

As entrevistas foram realizadas com agendamento prévio, gravadas e posteriormente digitalizadas. As formações discursivas (FD) fruto do corpus do discurso foram três, assim denominadas:

- Formação Discursiva (FD): Concepção da escola- professores e gestor- acerca dos valores morais das crianças
- Formação Discursiva (FD): Professores e o seu papel na construção de valores no cotidiano da sala de aula.
- Formação Discursiva (FD): O lugar da cultura da escola na construção de valores entre os alunos

Trabalhamos o recorte discursivo que deu origem ao *corpus* analisado a partir das etapas que a AD propõe. A primeira diz respeito às formas de produção do discurso, ou seja, o que interfere e influencia o discurso, seu contexto social e político. Em seguida procurou-se ver a memória discursiva do texto, o interdiscurso. O que já foi dito antes e aparece no momento com uma outra roupagem, mas representa a memória discursiva. Passou-se à etapa de mapear e interpretar o dito, o não dito e o silenciado no discursivo.

A análise se deu com o conjunto da entrevista dos 9 sujeitos, a interpretação foi realizada a partir do discurso da comunidade escolar: professoras, gestora e educadoras de apoio.

4.1. FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD): CONCEPÇÃO DA ESCOLA – PROFESSORES E GESTOR- ACERCA DOS VALORES MORAIS DAS CRIANÇAS.

Os discursos tanto dos professores como da gestão apontam para a família como sendo o responsável pela construção destes valores. É apontada a construção da identidade da criança a partir da construção de valores em seus primeiros anos de vida, mas a grande preocupação das entrevistadas está em responsabilizar a família pela construção destes valores.

[...] pequeninha ela já desenvolve é toda sua identidade, já tá desenvolvendo a identidade dela então os valores morais são muito importantes para essa construção da identidade da criança. P.1

[...] esses valores na minha opinião são de responsabilidade primária da família. A família que tem que dá essa base pra criança mas a gente sabe que isso não está acontecendo e o professor na escola está fazendo esse papel. P2

Este discurso que trás a família para o centro da construção de valores representa um interdiscurso que tenta homogeneizar os alunos e suas famílias, silenciando (Orlandi,1995) as condições sociais de grande parte das famílias que tem seus filhos na escola pública. Diferente de outros países, a escola pública no Brasil tem se transformado nos últimos 50 anos num espaço de excluídos socialmente, pessoas que vivem na margem (Esteban 2008). Sayão (1996) conceituando este modelo de família:

“A família para os pobres associa-se aqueles em que se pode confiar. Como não há status ou poder a ser transmitido, o que define a extensão da família entre os pobres é a rede de obrigações que se estabelece: são da família aqueles com quem se pode contar, isto quer dizer, aqueles, portanto, para com quem se tem obrigações. São essas redes de obrigações que delimitam os vínculos, fazendo com que relações de afeto se desenvolvem dentro [destas obrigoriedades]da dinâmica das relações.”(p.63)

O conflito entre o papel da família e da escola se evidencia no questionamento feito nesta FD. Perguntou-se sobre a concepção dos professores e da gestão sobre os valores das crianças, não foi questionado sua procedência nem de quem era a responsabilidade de construir estes valores. Todavia as respostas, exceto de uma professora – que falou sobre a identidade da criança na construção destes valores- todas as outras entrevistadas levantaram a questão da família na construção e da isenção da escola quanto a esta tarefa. No máximo a escola “ajudaria” neste processo. Parolin (2008) faz uma análise destes conflitos evidenciando as diferenças dos papéis das duas instituições: a família e a escola:

“Destaco que o papel da família na formação e nas aprendizagens das crianças e jovens é ímpar. Nenhuma escola por melhor que seja, consegue substitui a família. Por outro lado, destaco também que a função de escola na vida da criança é igualmente ímpar. Mesmo que as famílias se esmerem em sendo educadores, o aspecto socializador do conhecimento e das relações não adequadamente contemplado em ambientes domésticos.” (p.01

Donzelot (1986) retratando a situação, em que a família muitas vezes é substituída por tutores do Estado, a desestabilidade desta nova família, trás um quadro real desta situação:

“Incrustada nessa dupla rede de tutores sociais e técnicos, a família aparece como colonizada. Não são mais duas instâncias que se confrontam: a família e o aparelho. Mas, em torno da criança há uma série de círculos concêntricos: o círculo familiar, o círculo dos tutores sociais. Resultado paradoxal da liberalização da família da emergência de um direito da criança, de um reequilíbrio da relação homem-mulher: quanto mais esses direitos são proclamados, mais se fecha em torno da família pobre

a opressão de uma potência tutelar. O patriarcalismo familiar só é destruído em proveito do patriarcado do Estado.”(p. 08)

Percebemos ainda que os novos modelos de família ainda são silenciados (Orlandi, 2005) no discurso da escola da escola. Nesta ótica, para Dessen & Polonia (2007),

“o próprio conceito de família e a configuração dela têm evoluído para retratar as relações que se estabelecem na sociedade atual [...] São inúmeras as combinações e formas de interação entre os indivíduos que constituem os diferentes tipos de famílias contemporâneas: nuclear tradicional, recasadas, monoparentais, homossexuais, dentre outras”. (p.23)

Apesar deste novo modelo familiar ser uma realidade desde o século XX, as representações que a escola faz sobre a família- pelo próprio silenciamento que a escola realiza sobre este novo modelo- ainda são da família tradicional, burguesa. Szymanski (2003) em um estudo sobre a família, conceitua este novo modelo, seguindo a linha da UNESCO:

“Um grupo de pessoas, vivendo numa estrutura hierarquizada, que convive com a proposta de uma ligação afetiva duradoura, incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e deles para com as crianças e idosos que aparecerem neste contexto.” (Szymanski, 2003, p.26, apud Gomes, 1988)

4.2. FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD): PROFESSORES E O SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DE VALORES NO COTIDIANO DA SALA DE AULA.

Nesta produção discursiva questionamos acerca da influência, da relevância do papel do professor na construção dos valores morais do educando. Novamente é recorrente o discurso com os mesmos sentidos em relação ao papel da família. Não se questionava a família, mas sim o papel do professor na construção destes valores, todavia a família vinha à tona sempre como sendo a responsável pela construção destes valores e a escola sendo uma mera complementadora da construção destes valores. Os PCNs acerca desta temática expõe:

(...) que o caráter universal do ensino fundamental e médio, definido em lei, torna a escola um ponto de convergência de diversos meios sociais, traz para o seu seio os mais variados valores expressos na diversidade de atitudes e comportamentos das pessoas que a integram (PCN, 1998, p.76).

A história mostra que a escola teve sempre papel relevante na construção da educação grega e na formação de uma nova polis. Teóricos como Valle (2001) e Menin (2002) entre outros afirmam a importância do papel dos profissionais de educação – professores e equipe gestora e de apoio- na construção dos modelos éticos junto aos alunos. Goergen (2005) vê os

valores morais na escola como podendo ser aplicados na transversalidade em todas as disciplinas, ficando assim a escola com condições de trabalhar ativamente a construção destes valores nos alunos.

O papel do professor na escola, no cotidiano com seus alunos, na formação diária, e aqui trabalhamos cotidiano à luz dos estudos de Certeau(2009) que apontam para o fazer diário, vulgar, que cria a cotidianidade e os *habitus* de *diferenciação* que Bourdieu (2008) conceitua, ajuda na construção destes valores.

Pottker (2002, p. 03) conceituando moral e as relações entre a conduta de um e a apreensão pelo outro – neste estudo o professor e o aluno- conceitua:

“A moral é uma forma específica de comportamento humano, dos indivíduos ou grupos sociais. Em inúmeras situações o sujeito tem que escolher entre várias opções de conduta, e geralmente decide baseado em normas estabelecidas, que podem ser explicitadas ou não. A ação está sujeita a um juízo moral, e ambos, ação e juízo, pressupõem normas orientadoras. O comportamento prático-moral é encontrado mesmo em comunidades primitivas; sobre o comportamento e o juízo moral, foi formulada e sistematizada a reflexão teórica, chamada ética, que representa o plano teórico da moral vivida e praticada. Os problemas éticos, diferentemente dos morais, são teóricos e gerais, e definir o que é certo ou errado não cabe aos indivíduos em casos particulares; é um problema teórico, a ser estudado pelo investigador da moral, ou seja, do ético.”

Esta análise aponta para a importância dos problemas éticos serem estudados pela escola como universais e não individuais, de professor para professor. Nesta linha Bourdieu observa a relevância dos espaços em que o indivíduo nasce e sua trajetória de vida a construção de valores que dão a diferença ou usando a terminologia de Bourdieu a *distinção*:

“A forma como o professor ensina depende da sua formação docente, das suas práticas pedagógicas, dos conhecimentos adquiridos e da sua maneira de ser, pensar e agir, que juntos constituem o *habitus*. Cada docente vivencia experiências únicas em sua trajetória profissional, adquire saberes, constrói práticas pedagógicas, que estruturam sua subjetividade, e que, mais tarde, irão orientar suas ações docentes. O *habitus* influencia a ação do professor, refletindo as condições sociais por ele anteriormente vivenciadas.” (Bourdieu, 2004, p 14)

Entre os sentidos construídos no discurso dos professores encontramos o interdiscurso que fala da “tendência” dos indivíduos para os valores voltados para o bem e o mal. Este interdiscurso, tão rico nos anos 30, a base do discurso fascista, que já vem do interdiscurso do século XIX de Gobineau, Lombroso entre outros, que acreditavam nas teorias pseudo científicas, de que o caráter era determinado pela raça e não construído socialmente.(Ataide de Almeida, 2001) . Este interdiscurso fica claro na fala da professora 2

“Então, eu acho que é de suma importância o professor assumir também esse papel porque assim nós passamos uma boa parte do tempo com as crianças, e é interagindo em sociedade que a gente vai ver as tendências boas e ruins de cada um, para que possamos intervir, no caso. É eu acho que é importante você o professor orientar,

falar e procurar meios para que a criança ela vá modificando e vá formando a sua personalidade.”

“Tendências boas e ruins”, o estigma da herança do caráter. A formação docente não conseguiu desconstruir estas teorias que classificam os alunos com o caráter voltado para serem bons ou ruins. Este preconceito abrange essencialmente quando são trabalhados os alunos que são ressocializados após pena educativa. Estes sofrem este estigma (Goffma,1988) gerando fracassos neste processo de ressocialização. Para Goffman,

“Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto.”.(p. 14)

A pessoa estigmatizada pode responder de diferentes maneiras às expectativas do meio social.

4.3. FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD): O LUGAR DA CULTURA DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DE VALORES ENTRE OS ALUNOS

Os *habitus* construídos na cultura da escola a nível dos valores éticos muitas vezes se chocam com os *habitus* da família. Este conflito é o que Bourdieu conceitua como teoria dos campos, onde os campos de conflito entre os *habitus* distintos se encontram e se chocam. A escola deveria ser este lugar onde ao surgirem estes conflitos a escola tivesse ações para transformá-lo e criar novos arquétipos, novos modelos. Nas entrevistas e nas observações ficou claro que muitos dos valores da família conduzem o aluno à ausência de tolerância no processo de sociabilidade. A noção do *unha por unha, dente por dente*, são trazidos para o espaço escolar e aí os conflitos ocorrem diariamente. As observações feitas em todas as salas de aula dos professores sujeitos da pesquisa, foram de extrema relevância para a compreensão deste estudo. Foi através das observações que conseguimos entender as concepções da escola sobre os valores morais dos alunos e seu papel como mediadora neste processo de construção destes valores.

No conceito de *habitus* Bourdieu (2004) os *habitus* construídos na trajetória pessoal e acadêmica do docente vai influenciar na transmissão dos valores aos educandos. Nesta linha, Gadotti (2000) aponta o espaço da escola como espaço privilegiado para as mudanças e inovações:

“Neste contexto de impregnação do conhecimento, cabe a escola: amar o conhecimento como espaço de realização humana, de alegria e de contentamento

cultural; selecionar e rever criticamente a informação; formular hipóteses; ser criativa e inventiva (inovar); ser provocadora de mensagens e não pura receptora; produzir, construir e reconstruir conhecimento elaborado. E, mais: numa perspectiva emancipadora da educação, a escola tem que fazer tudo isso em favor dos excluídos, não discriminando o pobre. Ela não pode distribuir poder, mas pode construir e reconstruir conhecimentos, saber, que é poder.” (p.8)

Pelo momento atual de inquietude e conflito entre seus papéis e o do seu entorno - família/sociedade- a escola tem si debatido e o espaço onde a cultura da escola poderia ser plenamente utilizado para ações voltadas para soluções de seus problemas, o discurso da instituições aponta sempre para procurar responsáveis pelos seus conflitos. Canário (2005) sintetiza:

“O diagnóstico sobre a situação atual da escola é sombrio. O problema da escola pode ser sintetizado em três facetas: a escola, na configuração histórica que conhecemos (baseado num saber cumulativo e revelado), é obsoleta, padece de um déficit de sentido para os que nela trabalham (professores e alunos) e é marcada, ainda, por um déficit de legitimidade social, na medida em que faz o contrário do que diz (reproduz e acentua desigualdades, fabrica exclusão relativa).” (p.87)

O autor conclui mostrando a importância de uma reflexão sobre o atual panorama da escola, e lembramos aqui Alarcão (2002) e seu conceito de escola reflexiva. Nesta ótica pode-se pensar uma nova escola a partir da análise profunda desta atual:

“é desejável agir estrategicamente, no presente, para que o futuro possa ser o resultado de uma escolha e não a consequência de um destino. É nesta perspectiva que pode ser fecundo e pertinente imaginar uma “outra” escola, a partir de uma crítica ao que existe.” (Canario, 2005, p. 87)

Assim, a cultura da escola é apontada por Oliveira(2003) um espaço reflexivo para os componentes da instituição, no sentido de ultrapassarem a idéia de escola “ideal” para poderem mapear suas ações no âmbito da cultura da escola e poderem partir para uma escola real, mas que procura solucionar seus conflitos, essencialmente os que se relacionam com os dos habitus trazidos da família e da sociedade, no sentido de uma construção na escola que ajude o aluno a ser cidadão.

“Dentre os elementos que permeiam essa divergência entre o registrado e o vivido, entendo que está presente uma *cultura do ideal* nessa escola em seus profissionais. Considerei como indício a ênfase que os atores davam à questão da disciplina, da necessidade de punição, da necessidade de controle, de linha dura e linha única, da ausência de uma clientela adequada. Tanto no registrado como no vivido há manifestações em torno desse ideal esperado pelos órgãos superiores e um ideal desejado pelos professores e o corpo técnico da escola. A permanência dessa cultura do ideal na condução das reuniões pedagógicas da escola parece ocultar a dificuldade que a escola vem tendo para trabalhar em regime de progressão continuada; para transformar suas práticas, realizando de fato trocas de experiências; pesquisando, de fato, novas metodologias; construindo, de fato, um trabalho coletivo.” (p. 154)

Ter um conhecimento sobre a cultura da escola dá subsídios para compreender o *modus vivendis* da escola, sua cultura e entender como esta cultura dá a visibilidade do que representa realmente a escola. A cultura da escola mesmo sendo distinta de escola para escola ela se conecta com o mundo exterior e reflete este mundo. Para Forquin(1993):

“A escola é também um “mundo social” que tem suas características e vida própria, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos. E esta “cultura da escola” (no sentido em que se pode também da cultura da oficina ou da “cultura da prisão”) não deve ser confundida tampouco com o que se entende por “cultura escolar” que se pode definir como o conjunto de conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, “normatizados”, “rotinizados”, sob o efeito de imperativos de didatização, constituem habitualmente o objetivo de uma transmissão no contexto das escolas.” (p.167)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esta investigação com a inquietação acerca dos valores morais na educação infantil e as concepções da escola sobre esta temática. Esta reflexão se mostrou de extrema relevância haja vista a situação hoje acerca da violência e indisciplina nas escolas.

Questionamentos acerca do olhar do professor e da gestão acercadeste momento atual e sua relação com a construção de valores na educação infantil, permeava nossas perguntas. Os valores morais no cotidiano dos indivíduos representam um fio condutor para a solução de conflitos e a construção da cidadania.

Refletir sobre o papel destes valores na formação do cidadão apto para estar na sociedade, e perceber isto na educação infantil foi relevante para este trabalho.

A trajetória desta investigação demandou uma pesquisa empírica que teve como ponto importante a observação em sala de aula. As entrevistas com os docentes e a equipe gestora permitiu uma confrontação entre o discurso [entrevistas] e a *praxis*[observação] em sala de aula.

O aporte teórico que construímos a partir das categorias eleitas deu subsídios para entender os conceitos e perceber melhor a observação. A teoria nos guiava na observação, comparando o que se apresenta nos estudos teóricos e o que se estabelece no dia a dia, no cotidiano da sala de aula e da escola.

Conseguimos mapear estas teorias e juntamente com a pesquisa empírica foi possível perceber que a concepção da escola é que os valores devem ser construídos na criança desde cedo, para que a escola possa lapidá-los.

Todavia este discurso é voltado para a responsabilidade da família. Cotejamos este discurso com os teóricos de escola e lembramos aqui Canário(2003) e fica claro que a escola não compreende o seu papel nesta construção e também não percebe como se apresenta a família atual. As concepções e representações sobre esta temática é da família ideal, distante anos luz da configuração familiar das crianças que se inserem em nossa investigação.

As observações apontaram para vários aspectos do cotidiano da sala de aula e que refletem a cultura da escola. A rede de sociabilidades, a relação professor aluno, as ações frente aos atos de indisciplina.

Ao observarmos este dia a dia no espaço escolar, estas atitudes e ações entre professor e aluno trouxeram muita luz à investigação.

Numa construção dos valores morais o que podemos concluir, a partir das observações é que mesmo sendo historicamente apontado como espaço de construção e desenvolvimento

de valores morais, o cotidiano da escola em estudo, se volta para uma transmissão de conteúdos, que quando ocorrem problemas são trazidos alguns valores, ou os alunos são enviados à direção.

Ao analisarmos as relações de sociabilidade no cotidiano de professores e alunos, percebemos que estas relações dão margens e momentos para a construção dos valores morais, uma vez que o espaço escolar tem essa missão e que o tempo do professor com o aluno dá condições para tanto.

Todavia, não há este envolvimento do professor por motivos vários, os quais não são objetivos deste estudo, mas caberá numa investigação futura.

A interação professor aluno poderia abrir canais para estas abordagens dos valores morais. Acreditamos que os preconceitos com os valores pré-existent dos alunos constrói no professor um preconceito que dificulta na construção dos novos valores.

Valores morais como ética, moral, respeito, estão presentes nas indicações da UNESCO, no relatório Delors e podem construir *habitus* que transformam os *habitus* construídos na família.

BILIOGRAFIA

- Alarcão, I. (2001) *Escola Reflexiva*. Porto Alegre: ARTMED
- Antunes, C. (2001). *A Alfabetização moral em sala de aula e em casa, do nascimento aos doze anos*. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 35 p.
- Aristóteles. (2007). *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret. (coleção a obra prima de cada autor), 240 p.
- Boto, C. (2001). Ética e educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. *In Revista Educação & Sociedade*, Campinas, ano XXII, nº 76, CEDES, Outubro.
- Bourdieu, P (2004) *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp
- Bourdieu, P. (2008). *A Distinção: crítica social do julgamento*
- Canário, (2005). *A Escola*. Porto: Porto Editora
- Caporali, R. (1999, set/out). Anomia moral e o tumulto das relações humanas. *In: Revista dois Pontos: teoria e prática em educação*, vol. 5, nº 44.
- Certeau, M. de. (2009) *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de Fazer. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Chauí, M. (2000). *Convite a filosofia*. São Paulo: Ática.
- Devries, R. & Zan, B. (1998). *A ética na Educação Infantil: o ambiente sócio-moral na escola*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Forquin, J.C. (1993). *Escola e Cultura: as bases Sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Tradução Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Frago, V. A. (1995). Historia de la educación e historia cultural. *In Revista Brasileira de Educação*, SP, nº 0, p.63-82, set./dez.,
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gallo, S. (coord.), (1997). *Ética e Cidadania: caminhos da Filosofia*. Campinas: Papirus.

- Goergen, P. (2001, out). Educação e Moral: adestramento ou reflexão comunicativa? *In Revista Educação & Sociedade*, Campinas, ano XXII, nº 76, CEDES.
- Goffman, I. (1988) *Estigma*. SP: LTC
- Hall, S. (1997, jul/dez). *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação & Realismo. S.L., v. 22, nº 2, 17–46.
- Júlia, D. (2001). A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução: Gizele de Souza. *In Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, n. 1.
- Júlia, D. (2002) Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. *In*: Lopes, A; Macedo, E. (Org.) *Disciplinas e integração curricular: história e políticas*. Rio de Janeiro: DP& A.
- Kant, I. (1995). *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70.
- Kant, I (2003). *A Metafísica dos Costumes*. Tradução, textos adicionais e notas Edson Bini/ Bauru, SP: EDIPRO, (Série Clássicos Edipro).
- La Taille, Y. (1998). Prefácio à edição brasileira. *In*: PUIG, J. M. *A construção da personalidade moral*. São Paulo: Ática.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settinieri. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Lions, D. (1990). *As Regras Morais e a Ética*. Campinas, SP: Papirus.
- Lück, H. (1997, nov). *Gestão educacional: estratégia para a ação global e coletiva no ensino*. Gestão em rede, Curitiba, nº 3, p. 13-18.
- Lück, H. (2011). *Gestão da cultura e do clima organizacional da escola*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Série cadernos de gestão, vol. V)
- Lüdke, M.; André, M. (1986). *Apesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU.
- Marcondes, D. (2000). *Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Minayo, M. C. S. (org.), (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; - Petrópolis, RJ: Vozes.
- Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à Educação de Futuro*. São Paulo: Cortez.
- Neto, O. C. (1994). O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: Minayo, M. C. S. (Org.) *Pesquisa Social Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Nóvoa, A. (org). (1999). *As Organizações escolares em análise*. Lisboa, Portugal: Edições Dom Quixote.
- Padovani, U. & Castagnola, L. (1984). *História da Filosofia*. São Paulo: Melhoramentos.
- Pettigrew, A. M. (1996). A cultura das organizações é administrável? In: Fleury, M. T. L.; Fisher, R. M. *Cultura e poder nas organizações*. 2ª Ed. São Paulo: Atlas.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus.
- Platão. (1995). *A república*. São Paulo: Difusão Europeia do livro. (Clássicos Garnier).
- Platão. (1996). Fédon. In: *Coleção os pensadores: Platão, vida e obra*: Nova Cultura.
- Radaspiel, M. (1998). *Alfabetização sem segredos: Temas transversais*. Contagem, MG: Iemar.
- Rios, T. A. (2011). *Ética e Competência*. 20ª ed. Coleção Questões da Nossa Época; v. 7. São Paulo: Cortez.
- Sarmento, M. J. (1994). *A vez e a voz dos professores: contributo para o estudo da cultura organizacional da escola primária*. Porto: Porto.
- Sevè, L. (1999). Entendimento em ética: atos de linguagem e linguagem dos atos. In: CHANGEUX, J. (org.). *Uma ética para quantos?* São Paulo: EDUSC.
- Souza, H. J. S. (2009). *O Problema da motivação moral em Kant*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Tugendhat, E. (1996). *Lições sobre ética*. Petrópolis: Vozes.
- Valls, Á. L. M. (1994). *O que é ética*. São Paulo: Brasiliense.

- Vazquez, A. S. (1975). *Ética* 2ª edição. Trad. João Dell’anna, Rio de Janeiro: civilização Brasileira.
- Williams, R. (2011). *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Williams, R. (1992). *Cultura*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio Janeiro: Paz e Terra.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi – 2ª Ed. – Porto Alegre: Bookman.

LEGISLAÇÃO

- Brasil. (1998a). *Constituição 1998: Texto constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas emendas constitucionais nºs 1/92 a 19/98 e emendas constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/94*. Brasília: Senado Federal.
- Brasil. (1998b). *Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996- LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Brasília: Senado Federal.
- Brasil. (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil.(1998).*Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)*. Brasília:MEC

WEBGRAFIA

- Candau, V. M. F. *Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação*. Educ. Soc., Campinas, v. 23, nº 79. <http://www.scielo.br/scielo.php?pid>. Consultado a 12 de abril de 2002
- Campus, N; et al. *Científico*. <http://www.cientefico.frd.brem> Consultado a 5 de julho de 2008

APÊNDICES

APÊNDICE I - CARTA-CONVITE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIMENTO PARA OBSERVAÇÃO E ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisadora: Elizângela de Moraes Pereira

e-mail: liliemp33@hotmail.com

CARTA-CONVITE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIMENTO PARA OBSERVAÇÃO E ENTREVISTA

Prezado(a) Professor(a),

Vimos por meio desta, convidar-lhe a participar como sujeito da pesquisa “Ética e Educação Infantil: a concepção dos professores sobre o seu papel no desenvolvimento moral das crianças”, através de uma entrevista semiestruturada como também colaborar com seu consentimento para a realização de observações a serem realizadas em sua sala de aula em dias e horários pré-agendados.

Esta pesquisa pretende analisar como essa problemática é vivenciada pelos professores no seu cotidiano escolar. Destacamos que todos os sujeitos participantes da pesquisa terão acesso, em momento oportuno, ao principal produto elaborado, neste caso, a dissertação. Lembramos que fica garantido o sigilo e a privacidade do sujeito quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Consentindo a presença em sua sala de aula, qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento, poderá entrar em contato com a pesquisadora pelos telefones (87) 9929-7886 e 9108-9573, ou pelo e-mail liliemp33@hotmail.com. Desta forma agradecemos antecipadamente aos senhores(as) pela colaboração neste estudo.

Arcoverde, ____ de agosto de 2015.

APÊNDICE II - GUIÃO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Elizângela de Moraes Pereira

e-mail: liliemp33@hotmail.com

Guião de Entrevista

Prezado Professor:

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo entender a concepção dos professores sobre o seu papel no desenvolvimento moral das crianças na educação infantil. Os valores morais estão presentes no cotidiano da sociedade e a escola está inserida nesse meio social e os professores não focam alheios a esse processo. Com esta entrevista não estamos em busca de respostas certas ou erradas, mas, é fundamental que haja sinceridade nas respostas para que os resultados obtidos sejam significativos. Os dados obtidos serão mantidos em sigilo e serão utilizados apenas nesta pesquisa.

Agradeço desde já sua atenção e participação.

Q1. Identificação do Entrevistado:

- Idade
- Gênero
- Tempo de formação
- Tempo de função

Q2. Concepção dos professores acerca dos valores morais:

- Apresente seu conhecimento em relação ao que você entende por valores morais.

Q3. Professores e o seu papel no desenvolvimento moral das crianças na educação infantil:

- Apresente suas concepções em relação a importância ou não do seu papel no desenvolvimento moral das crianças na escola que você está vinculado.

Q4. A presença dos valores morais na sala de aula:

- Apresente como essa problemática é vivenciada ou não em seu cotidiano escolar atual.

Q5. Prática pedagógica do professor e os valores morais:

- Apresente práticas pedagógicas utilizadas ou não para promover essa temática.

Q6. A cultura da escola e sua contribuição na formação dos valores morais das crianças:

- Apresente a contribuição/orientação ou não da escola na qual está vinculado para a construção dos valores morais das crianças da educação infantil.

APÊNDICE III - GUIÃO DE ENTREVISTA DO EDUCADOR DE APOIO



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Elizângela de Moraes Pereira

e-mail: liliemp33@hotmail.com

Guião de Entrevista

Prezado Educador de Apoio:

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo entender a concepção dos professores sobre o seu papel no desenvolvimento moral das crianças na educação infantil. Os valores morais estão presentes no cotidiano da sociedade e a escola está inserida nesse meio social e os professores não focam alheios a esse processo. Com esta entrevista não estamos em busca de respostas certas ou erradas, mas, é fundamental que haja sinceridade nas respostas para que os resultados obtidos sejam significativos. Os dados obtidos serão mantidos em sigilo e serão utilizados apenas nesta pesquisa.

Agradeço desde já sua atenção e participação.

Q1. Identificação do Entrevistado:

- Idade
- Gênero
- Tempo de formação
- Tempo de função

Q2. Concepção do Educador de Apoio acerca dos valores morais:

- Apresente seu conhecimento em relação ao que você entende por valores morais.

Q3. O Educador de Apoio e sua contribuição no desenvolvimento moral das crianças na educação infantil:

- Apresente suas concepções em relação à importância ou não do seu papel no desenvolvimento moral das crianças na escola que você está vinculado.

Q4. A cultura da escola e sua contribuição na formação dos valores morais das crianças:

- Apresente a contribuição/orientação ou não da escola na qual está vinculado para a construção dos valores morais das crianças da educação infantil.

APÊNDICE IV - GUIÃO DE ENTREVISTA DO GESTOR



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Elizângela de Moraes Pereira

e-mail: liliemp33@hotmail.com

Guião de Entrevista

Prezado Gestor:

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo entender a concepção dos professores sobre o seu papel no desenvolvimento moral das crianças na educação infantil. Os valores morais estão presentes no cotidiano da sociedade e a escola está inserida nesse meio social e os professores não focam alheios a esse processo. Com esta entrevista não estamos em busca de respostas certas ou erradas, mas, é fundamental que haja sinceridade nas respostas para que os resultados obtidos sejam significativos. Os dados obtidos serão mantidos em sigilo e serão utilizados apenas nesta pesquisa.

Agradeço desde já sua atenção e participação.

Q1. Identificação do Entrevistado:

- Idade
- Gênero
- Tempo de formação
- Tempo de função

Q2. Concepção do Gestor acerca dos valores morais:

- Apresente seu conhecimento em relação ao que você entende por valores morais.

Q3. O Gestor e sua contribuição no desenvolvimento moral das crianças na educação infantil:

- Apresente suas concepções em relação à importância ou não do seu papel no desenvolvimento moral das crianças na escola que você está vinculado.

Q4. A cultura da escola e sua contribuição na formação dos valores morais das crianças:

- Apresente a contribuição/orientação ou não da escola na qual está vinculado para a construção dos valores morais das crianças da educação infantil.

APÊNDICE V - RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS DA GESTÃO



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Elizângela de Moraes Pereira

e-mail: liliemp33@hotmail.com

Idade: 51 anos

Gênero: feminino

Tempo de formação: 25 anos

Tempo de função: 03 anos

1 Pesquisadora: Concepção do Gestor acerca dos valores morais: Qual sua concepção em relação aos valores morais das crianças?

Gestora: São valores que devem ser trabalhados a princípio pela família, desde a primeira infância, e que irá contribuir para seu convívio escolar, social e familiar.

2 Pesquisadora: O Gestor e sua contribuição no desenvolvimento moral das crianças na Educação Infantil: Quais suas concepções em relação à importância ou não do seu papel como Gestor no desenvolvimento moral das crianças na escola?

Gestora: O gestor é um mediador que busca através de suas visitas domiciliares descobrir os grandes problemas que afastam as crianças da escola, bem como também através de sua postura, mediante as situações dentro do ambiente escolar que valorizam as boas condutas dos educandos.

3 Pesquisadora: A cultura da escola e sua contribuição na formação dos valores morais das crianças: Como a escola lida e/ou contribui para a formação dos valores morais das crianças?

Gestora: A escola contribui procurando moldar a criança orientando e desenvolvendo esses valores para que possam crescer e formar opiniões quanto as suas atitudes em relação ao outro.

APÊNDICE VI - ENTREVISTA EDUCADOR DE APOIO



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Elizângela de Moraes Pereira

e-mail: liliemp33@hotmail.com

Educador de apoio I

Data da pesquisa: 19.08.2015

Idade: 34 anos

Gênero: feminino

Tempo de formação: 11 anos

Tempo de função: 02 anos

1 Pesquisadora: Concepção do Educador de Apoio acerca dos valores morais: Qual sua concepção em relação aos valores morais das crianças?

Educadora de Apoio 1: É de fundamental importância para a formação das mesmas e a família é a principal fonte de ensino desses valores morais, embora hoje em dia a escola esteja exercendo boa parte desse papel.

2 Pesquisadora: O Educador de Apoio e sua contribuição no desenvolvimento moral das crianças na Educação Infantil: Quais suas concepções em relação à importância ou não do seu papel como Educador de Apoio no desenvolvimento moral das crianças na escola?

Educadora de Apoio 1: Em nossa função uma das principais necessidades requisitadas pelos professores sempre estão ligadas aos valores morais, então, nós contribuimos quando

conversamos diretamente com o aluno, com a família ou até mesmo quando propomos aos professores ações pedagógicas relacionadas a alguma necessidade específica da turma.

3 Pesquisadora: A cultura da escola e sua contribuição na formação dos valores morais das crianças: Como a escola lida e/ou contribui para a formação dos valores morais das crianças?

Educadora de Apoio 1: Incluindo em sua proposta pedagógica ações que estimulem o desenvolvimento desses valores morais e também intervindo diante de algumas situações onde esses valores estão sendo necessários e principalmente dando o exemplo através de sua postura.

Educador de apoio II

Data da pesquisa: 23.11.2015

Idade: 35 anos

Gênero: feminino

Tempo de formação: 10 anos

Tempo de função: 9 anos

1 Pesquisadora: Concepção do Educador de Apoio acerca dos valores morais: Qual sua concepção em relação aos valores morais das crianças?

Educadora de Apoio 1: É, eu entendo que são valores que são necessários para uma vida, assim, digna como cidadão, para ele se tornar participativo e atuante, são valores que vem com a convivência da família e nós vamos ampliando com as situações vivenciadas na escola.

2 Pesquisadora: O Educador de Apoio e sua contribuição no desenvolvimento moral das crianças na Educação Infantil: Quais suas concepções em relação à importância ou não do seu papel como Educador de Apoio no desenvolvimento moral das crianças na escola?

Educadora de Apoio 1: Eu entendo que o educador de apoio ele tem um papel fundamental, porque como são valores, nós temos o papel de trabalhar junto com os professores pra estimular por meio do planejamento, mesmo em reuniões, atividades com jogos, frente onde

eles vão vivenciar diante de regras e atitudes, pra levar essa criança a se aperfeiçoar no convívio social na questão de justiça, honestidade proporcionando momentos de reflexão para que lá na frente possa utilizar já tendo uma bagagem.

3 Pesquisadora: A cultura da escola e sua contribuição na formação dos valores morais das crianças: Como a escola lida e/ou contribui para a formação dos valores morais das crianças?

Educadora de Apoio 1: Com atividades lúdicas nós proporcionamos através de projetos e atividades em sala de aula vivenciada pelo livro onde eles possam, é, vivenciar, e ter, e se posicionar quais são os valores que eles tem, como é que eles se posicionam diante daquelas atividades na escola, a é a única forma, e a partir disso trabalhar no que está certo, está errado o que poderia ter sido melhor, se é correto, se não é correto e trabalhar esses valores dessa forma.

APÊNDICE VII - ENTREVISTA PROFESSORES



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Elizângela de Moraes Pereira

e-mail: liliemp33@hotmail.com

Professora 1

Data da pesquisa: 31.08.2015

Idade: 27 anos

Gênero: feminino

Tempo de formação: 04 anos de magistério, 04 anos de faculdade e 02 anos na pós

Tempo de função: 06 anos

1 Pesquisadora: Concepção dos professores acerca dos valores morais: Qual sua concepção em relação aos valores morais das crianças?

Professora 1: Olha, eu considero que seja muito importante, trabalhar desde criança essa questão dos valores morais, porque a criança já de pequeninha ela já desenvolve é toda sua identidade, já tá desenvolvendo a identidade dela então os valores morais são muito importantes para essa construção da identidade da criança.

2 Pesquisadora: Professores e o seu papel no desenvolvimento moral das crianças na Educação infantil: Quais suas concepções em relação a importância ou não do seu papel como docente no desenvolvimento moral das crianças na escola?

Professora 1: Bom, eu acho muito importante, o professor como exemplo, assim como os pais são exemplo em casa o professor também é um exemplo na escola, então eu acho muito importante trabalhar essa questão dos valores morais para que a criança possa respeitar, o professor, respeitar as outras crianças e que possa se desenvolver um ambiente assim saudável.

3 Pesquisadora: A presença dos valores morais na sala de aula: Apresente como essa problemática é vivenciada ou não em seu cotidiano escolar?

Professora 1: Bom, a gente durante todas as atividades do programa *Alfa e Beto* a gente trabalha com essas questões valores morais, elas estão incluídas nos conteúdos atitudinais né, então a gente trabalha é toda essa questão nas atividades diárias através de brincadeiras, através das atividades que a gente realiza no projeto, através de todas essas questões a gente trabalha isso.

4 Pesquisadora: Prática pedagógica do professor e os valores morais: apresente práticas pedagógicas que você utiliza para promover essa temática.

Professora 1: Como eu já falei, a gente tem é um roteiro diário, a gente tem toda uma estrutura, toda uma lógica do trabalho e a gente tem também incluído nessa questão as atividades de movimento, que são os jogos e brincadeiras que a gente já utiliza também para trabalhar esses valores morais com as crianças e também atrelado a isso a gente tem as atividades as leituras que também influenciam toda essa questão.

5 Pesquisadora: A cultura da escola e sua contribuição na formação dos valores morais das crianças: Como a escola lida e/ou contribui para a formação dos valores morais das crianças?

Professora 1: Bom, a escola é através do apoio pedagógico da escola mesmo, das coordenadoras pedagógicas e tudo mais, a escola tem é, reuniões pedagógicas com os pais tudo para que possa se desenvolver essa questão do acompanhamento, dos pais da família juntamente com os professores e com a equipe pedagógica da escola então acho que a escola desenvolve bem é esse papel, contribui efetivamente para isso.

PROFESSORA 2

Data da pesquisa: 31.08.2015

Idade: 36 anos

Gênero: feminino

Tempo de formação: quase 14 anos

Tempo de função: 18 anos

1 Pesquisadora: Concepção dos professores acerca dos valores morais: Qual sua concepção em relação aos valores morais das crianças?

Professora 2: Então, com relação aos valores morais é eu acho que são essenciais para a formação do caráter e da personalidade das crianças, e é esses valores na minha opinião são de responsabilidade primária da família, a família que tem que dá essa base pra criança mas a gente sabe que isso não está acontecendo e o professor na escola está fazendo esse papel.

2 Pesquisadora: Professores e o seu papel no desenvolvimento moral das crianças na Educação infantil: Quais suas concepções em relação a importância ou não do seu papel como docente no desenvolvimento moral das crianças na escola?

Professora 2: Então, eu acho que é de suma importância o professor assumir também esse papel porque assim nós passamos uma boa parte do tempo com as crianças, e é interagindo em sociedade que a gente vai ver as tendências boas e ruins de cada um pra gente poder intervir, no caso é eu acho que é importante você o professor orientar, falar e procurar meios para que a criança ela vá modificando e vá formando a sua personalidade.

3 Pesquisadora: A presença dos valores morais na sala de aula: Apresente como essa problemática é vivenciada ou não em seu cotidiano escolar?

Professora 2: Bem, tem algumas questões que são corriqueiras, que você vai, quando elas vão surgindo então o professor, eu como professora eu intervenho, eu falo eu busco fazer uma roda de conversa para esclarecer o que é certo o que é errado e também tem alguns problemas específicos que surgem na sala de aula como roubo de material, como é a violência, briga

entre colegas e tudo isso quando surge então, além da conversa roda de conversa que eu faço eu tenho um eu pesquisei uns materiais extras em um site de uma organização não governamental que é o *jw.org* e lá tem assim vídeos feitos próprios para crianças que tem esses temas não roubar e mostra assim uma criança fazendo ou não e as consequências do que ela faz então eu apresentei dessa forma para as crianças e eles é essa incidência de sumir coisas de coleguinhas acabou então tudo isso eu vi que realmente na prática foi muito bom então eu sempre utilizo esses vídeos e atividades relacionadas a esses vídeos para resolver o problema.

4 Pesquisadora: Prática pedagógica do professor e os valores morais: Apresente práticas pedagógicas que você utiliza para promover essa temática.

Professora 2: Então, como eu estava falando, quando surge um problema eu utilizo rodas de leituras, apresento vídeos para que eles vejam vídeos com o tema, leituras dramatizadas e debates entre eles mesmos sobre o que é certo e o que é errado.

5 Pesquisadora: A cultura da escola e sua contribuição na formação dos valores morais das crianças: Como a escola lida e/ou contribui para a formação dos valores morais das crianças?

Professora 2: Bem, então nesse caso aí quando é essas questões de conscientizar de valorizar não estão surtindo efeito e eu sei quem está provocando o problema, então a gente procura a direção, procura a nossa orientação é *Aline* é a nossa supervisora, então eles (equipe gestora) também contribuem de uma forma muito grande se a gente não consegue driblar na sala então eles procuram a família a gente conversa professor, família e aluno e direção faz um trabalho conjunto entre eles.

PROFESSORA 3

Data da pesquisa: 02.09.2015

Idade: 28 anos

Gênero: feminino

Tempo de formação: 11 anos

Tempo de função: 08 anos

1 Pesquisadora: Concepção dos professores acerca dos valores morais: Qual sua concepção em relação aos valores morais das crianças?

Professora 3: Olha, em relação a questão de concepções de valores morais, tem algumas coisas mais pertinentes que são mais visíveis e outras coisas que não são tão perceptíveis do professor com o aluno porque não tem a convivência familiar em casa, mas, uma das coisas que a gente mais observa ao aluno do pré I quando chega na escola é a questão da autonomia, porque muitas vezes a família não trabalha com o aluno o fato dele ser mais desenrolado, ele pedir ao professor pra ir no banheiro, ele pedir ao professor pra tomar água, ele acaba sendo uma criança que só precisa do pai, da mãe, do professor pra toma uma iniciativa isso é uma grande dificuldade que nós temos é a questão do pré I, outra questão que a família precisa trabalhar mais é a questão de coletividade de que a gente na escola precisa melhorar porque o aluno vem com o pensamento que os objetos são só dele só pra ele, ele é o centro das atenções e quando chega na sala de aula que a gente vai entregar materiais didáticos que precisa ser de uso coletivo acaba havendo muitos conflitos, porque eles não foram trabalhados em casa para dividir para usar os mesmos objetos com outros colegas, outra questão vem a responsabilidade da escola e a família está transmitindo a educação do aluno, a educação de moralidade, de humanidade dessas questões para a escola, claro que a família tem uma boa parcela da questão da educação dos seus filhos e é diferente a educação na escola porque na escola ele está convivendo com pessoas de educação diferentes, de etnias diferentes, de éticas diferentes e cabe a nós professores fazermos essa ponte essa ligação, outra questão de responsabilidade a gente cobra muito é o dever de casa o aluno vai pra casa a família não ajuda nesses deveres nas atividades de casa e pede ainda pra gente na escola fazer esse dever

que é obrigação delas, são valores morais, porque se as crianças não percebem que a família não contribui com essas questões ela também não vai seguir esse exemplo, outra questão é a obediência a regras a família hoje em dia as mulheres, mães, os pais passam o dia todo trabalhando os filhos ficam em casa e eles acabam não tendo regras fazem o que quer não tem um limite e são criadas por outras pessoas por avós, por babás e as vezes a família pra suprir essa carência que eles tem da ausência deles acaba tendo essa permissividade deles fazerem o que querem e chega na escola eles tem essa grande dificuldade de ser obedientes a uma hierarquia, as regras impostas pela escola, pela sala de aula, e em relação a questão também do comportamento a escola e a família precisa mostrar que o aluno tem que ter um comportamento adequado ao lugar e ao ambiente que ele se encontra então muitas vezes na escola a gente passa pelos pais por mães dando bom dia, boa tarde eles nem respondem então isso faz com que o aluno tenha essa mesma atitude com a gente com os profissionais da educação, é outra questão que são pelo menos trabalhadas até tem que ser trabalhadas é a questão do dizer obrigada, com licença, por favor que isso está sendo re transmitido pra escola ensinar e isso é uma grande dificuldade outras questões como meio ambiente, sexualidade, cidadania, ética, temas transversais no geral também é uma grande dificuldade, concepções que a gente ver que falta ser trabalhado a criança vem para escola sem essa, até acontece de ter família que querem que a gente separe menina de menino na sala de aula é querem que a gente ensine até eles a jogar um lixo no lixo como se a escola fosse só nossa obrigação disso aí.

2 Pesquisadora: Professores e o seu papel no desenvolvimento moral das crianças na Educação infantil: Quais suas concepções em relação a importância ou não do seu papel como docente no desenvolvimento moral das crianças na escola?

Professora 3: É um conjunto, é o docente tem uma função social mas ele não é a função social e nós podemos sim contribuir com a família, e a criança aprende comportamento que serve para viver em harmonia com a sociedade mas nós na escola vamos auxiliar a eles usarem esses valores aprendidos para viver em convivência com os demais colegas da sala de aula com os demais colegas na escola como um todo e é preciso que a gente faça esse equilíbrio nós somos sim responsáveis por essas concepções morais mas não somos a única fonte nós somos um complemento da família.

3 Pesquisadora: A presença dos valores morais na sala de aula: Apresente como essa problemática é vivenciada ou não em seu cotidiano escolar?

Professora 3: Ora, desde a hora da chegada da criança do início da aula até o fim da aula a todo momento a gente se depara com as diversidades morais que precisam ser bem contornadas e bem conduzidas da melhor forma, mas a escola precisa trabalhar essa problemática desde a creche até o último nível de escolaridade da criança, mas sempre dialogando com as famílias, eu trabalho junto com a escola sempre peço uma opinião da equipe gestora, da equipe pedagógica pra ir resolvendo essas adversidades, mas o diálogo é sempre a melhor forma pra se resolver esses problemas mesmo com a resistênciada família.

4 Pesquisadora: Prática pedagógica do professor e os valores morais: Apresente práticas pedagógicas que você utiliza para promover essa temática.

Professora 3: Além dos diálogos com os pais eu tenho um cartaz na sala de aula que esse cartaz ele tem palavras que a gente chama de palavras mágicas que é obrigado, por favor, com licença, desculpa, bom dia, boa tarde, boa noite e na medida que a gente vai vendo que a criança não está fazendo uso dessas palavras pra conviver um com o outro eu vou interferindo, parando, peça desculpa, peça por favor, peça com licença e aí eu vou conduzindo dessa forma algumas coisas que vão melhorando, se a família também ajudar a questão do aluno respeitar o outro, tem uma questão muito séria na sala de aula que é bullying, e a gente tem que sair contornando essa questão do aluno respeitar as diversidades, respeitar o índio, respeitar o branco, respeitar o preto, respeitar as diversas formas de expressão de cada um e disso tem desde a creche, se desde a educação infantil nós professores trabalharmos essas questões de valores humanos, de valores éticos, valores morais a gente vai ter uma sociedade de adolescentes muito mais evoluído muito menos alienado para essas questões em escola.

5 Pesquisadora: A cultura da escola e sua contribuição na formação dos valores morais das crianças: Como a escola lida e/ou contribui para a formação dos valores morais das crianças?

Professora 3: É a gente geralmente tenta envolver a equipe gestora a equipe pedagógica com os professores pra ir lidando com esses valores, mas é muito difícil um professor por exemplo, na sala de aula sozinho mudar uma realidade de 25 alunos onde cada um tem uma formação familiar diferente, uma estrutura familiar diferente, então é complicado a escola não está trabalhando atualmente com a questão do projeto pedagógico para isso é nitidamente escrito a gente vai trabalhando isso no dia a dia na medida que for tendo a necessidade, mas o que a gente pode fazer é na sala de aula de com o aluno o que a gente pode fazer com a família é muito pouco é visto que precisa que a família aceite ser ajudada queira ser ajudada aí a gente pode ajudar e ir colaborando, mas o que a gente pode fazer na sala de aula a gente faz.

PROFESSORA 4

Data da pesquisa: 03.09.2015

Idade: 45 anos

Gênero: feminino

Tempo de formação: 05 anos

Tempo de função: 05 anos

1 Pesquisadora: Concepção dos professores acerca dos valores morais: Qual sua concepção em relação aos valores morais das crianças?

Professora 4: Apesar da lei ditar que a escola não tem direito de ensinar os valores morais, nós como educadores, e como educadores nós temos o papel de analisar os fatos que acontecem no dia-a-dia da nossa sala de aula e ministrar os nossos conteúdos mostrando de uma forma bem clara, e de ensinamento desses valores pra essas crianças que estão chegando para nós agora com os valores tão deturpados.

2 Pesquisadora: Professores e o seu papel no desenvolvimento moral das crianças na Educação infantil: Quais suas concepções em relação a importância ou não do seu papel como docente no desenvolvimento moral das crianças na escola?

Professora 4: Como docente eu acredito que os valores morais eles são construídos a partir do momento que a criança, que o sujeito ele começa ser incluso em grupos na sociedade e que esses conceitos eles começam em primeiro lugar que é na sua casa junto com sua família, eles começam construir uma base dos conceitos da moral, e nós na escola reforçamos esse direito com a nossa convivência diária, principalmente porque nós como educadores, nós já trazemos uma concepção bem formada que podemos passar pra ele de forma que vai servir como ele se integrar no seu meio social durante toda vida.

3 Pesquisadora: A presença dos valores morais na sala de aula: Apresente como essa problemática é vivenciada ou não em seu cotidiano escolar?

Professora 4: Essa problemática ela é vivenciada todos os dias na nossa sala de aula, como nas hierarquias que nós temos que seguir, também temos que passar para eles como nós temos que vivenciar que eles tem que obedecer as normas, que a gente precisa estabelecer para eles, aprender que vai crescendo e que o mundo, que o dia-a-dia eles tem regras, eles tem normas, tem lei pra obedecer, então a gente já vai trabalhando isso, exemplo: quando for hora de tomar água ter aquela hora certinha de tomar água, do banheiro, de pedir desculpa para o coleguinha de sempre está inserido em grupo trabalhando em grupo para se tornar um ser social.

4 Pesquisadora: Prática pedagógica do professor e os valores morais: Apresente práticas pedagógicas que você utiliza para promover essa temática.

Professora 4: Podemos falar dessa prática pedagógica com um exemplo assim: acontece muito de uns dos coleguinhas ter um menino ou uma menina que vai lá, pega um lápis do coleguinha porque acha bonito porque o papai a mamãe não pode dar, e ele acha bonito, e vai e pega, e esconde e quando o coleguinha se manifesta ele não tem coragem de dizer com medo da professora falar pra família, pra ele não apanhar ou ser castigado, então a gente como professora procura fazer o quê, procuramos, a tia vai ver se a tia colocou aqui no estojo da tia, vamos ver quem guardou, ele deve ter caído e algum coleguinha pegou pra entregar depois e esqueceu, e assim a gente vai trabalhando isso, porque como também na psicologia a gente ver que eles tem essas fases de querer uma coisa e não poder ter e de pegar pra eles, mas que a gente pode ensinar de uma forma que é errado, mas com uma forma carinhosa, com uma forma que não vá trazer um trauma pra aquilo ali gerar mais tarde uma doença ou um vício.

5 Pesquisadora: A cultura da escola e sua contribuição na formação dos valores morais das crianças: Como a escola lida e/ou contribui para a formação dos valores morais das crianças?

Professora 4: A escola contribui junto com gestores, coordenadores e os professores em situações adversas que acontecem e que não podemos resolver, ali nós juntamos fazemos reunião, procuramos chamar os pais conversar, explicar e apresentar principalmente para os pais que toda criança ela vive de fases, e que essas fases elas tem que ser compreendidas e elas tem que ser podadas com amor e com muito carinho, pra que isso não venha gerar traumas futuros nas crianças, procurar não envergonhar a criança diante de fatos que ocorreram, a coordenadora ela é trabalhada pra isso, pra conversar com a criança, que nós no nosso âmbito da sala de aula nós podemos trabalhar isso conversando, porque com nossos pequenos quando completa uma mês, dois é como se a gente já tivesse um vínculo afetivo de

mãe com eles, então ali a gente procura trabalhar quando a gente não consegue, então a gente recorre aos coordenadores gestores e encontramos todo o apoio possível que nós necessitamos.

PROFESSORA 5

Data da pesquisa: 04.12.2015

Idade: 33 anos

Gênero: Feminino

Tempo de formação: 9 anos

Tempo de função: 11 anos

1 Pesquisadora: Concepção dos professores acerca dos valores morais: Qual sua concepção em relação aos valores morais das crianças?

Professora 5: Esses valores eles vêm sendo deturpados, assim, os pais não vêm passando a educação que deveria ser, que deveria vir de casa, já educados sabendo o que pode e o que não pode ser feito e quando passa, é de uma forma errada, porque a gente as vezes diz que não pode bater no coleguinha, e tudo que eles dizem é se você apanhar bata senão eu bato em você quando chegar em casa, então além de não ajudar atrapalham na educação na formação da criança.

2 Pesquisadora: Professores e o seu papel no desenvolvimento moral das crianças na Educação infantil: Quais suas concepções em relação a importância ou não do seu papel como docente no desenvolvimento moral das crianças na escola?

Professora 5: É importantíssimo que eu tente fazer esse papel, já que os pais não fazem, porque a gente enquanto professor não tem só a função de passar só o conteúdo e de ensinar a ler e escrever, mas de formar o cidadão, e se a família não vem fazendo isso, os pais, a gente tem que tentar, o tempo é pouco só são quatro horas que nós passamos com elas, mas temos que tentar mostrar esses valores pra que eles se formem bons cidadãos.

3 Pesquisadora: A presença dos valores morais na sala de aula: Apresente como essa problemática é vivenciada ou não em seu cotidiano escolar?

Professora 5: É, as vezes acontece algumas situações na sala de aula, já aconteceu de uma criança que tem mais recurso que a outra trazer um brinquedo que a outra acha mais bonito e

as vezes quando o outro que trouxe aquele brinquedo mais bonito ele se distrai a outra criança que não tem aquele recurso vai e pega, eu acho até de uma forma inocente, porque eu costumo resolver na hora a situação eu já falei que aqui na escola tem câmeras, apesar da gente não ter e aí quando acontece de desaparecer alguma coisa até dinheiro aí eu digo que se não aparecer, para não expor diretamente aquela criança, eu vou olhar na câmera e tudo mais e contribui também porque a gente já teve a visita de um policial (Programa Educacional de Resistência às Drogas - PROERD) aqui na escola e ele passou também essas coisas aí eu sempre lembro tudo que o policial falou e aí depois de um tempo aparece o que sumiu quando se torna reincidente porque eu tive um aluno que já aconteceu esse problema, aí eu chamei os pais aí em particular conversei pra mãe ajudar em casa nessa situação e aí ela tomou uma atitude meio drástica, assim, ela proibiu ele de trazer bolsa porque ele pegava algumas coisas e botava dentro da bolsa mas aí, assim, ela também, acho que ela não tem entendimento de como a gente deve resolver isso, mas tentou ajudar pelo menos ela não foi daqueles pais agressivos que teve uma resposta negativa.

4 Pesquisadora: Prática pedagógica do professor e os valores morais: Apresente práticas pedagógicas que você utiliza para promover essa temática.

Professora 5: Eu gosto de fazer brincadeiras e também eu trago as vezes alguns cartazes, expondo algumas situações de algumas crianças que estão passando por alguma situação, as vezes por bullying e alguma situação, assim, de que uma tem algum recurso e outra não e assim a gente vai montando vai criando um texto oral sobre isso, aí eu vou sempre questionando eles é certo essa situação que outra criança fez com a outra e ela não tinha determinada coisa ou que ela é mais gordinha que a gente, no pré II tem um aluno que ele é obeso, a maioria das crianças não querem brincar com ele e ficam chamando ele de gordo e todas as vezes eu chamo minha turma, peço pra brincar com ele e digo que não quero esse tipo de comportamento, volta e meia acontece de um da minha turma chamar isso com ele, mas aí eu tento resolver e aí apresento sempre alguns jogos e tem alguns jogos que a gente faz na sala e também através desses cartazes situações assim.

5 Pesquisadora: A cultura da escola e sua contribuição na formação dos valores morais das crianças: Como a escola lida e/ou contribui para a formação dos valores morais das crianças?

Professora 5: Na escola acho que todos os funcionários da escola eles ajudam a formar a criança em relação aos valores morais, sempre que eles vêem alguma criança fazendo algo de errado, eu vejo que eles tentam resolver a situação, repreendem, porque eu acho que é todo

mundo envolvido, antigamente tinha aquela história de um aluno reclamar que um fez coisa errada, ah não é meu aluno, hoje eu não vejo aqui na escola, as vezes vem um professor de outra sala dizer olha eu trouxe ele porque ela tava fazendo alguma coisa assim errado é pra você resolver, não fica de longe do problema, então eu acho que todo mundo pessoal da limpeza, da higiene sempre até na hora do recreio eles ajudam bastante tão aqui supervisionando pra já não ter agressão com o outro, nem pegar nada do outro, eu acho que a escola toda na minha visão tenta ajudar bastante na construção desses valores.

APÊNDICE VIII - RELATOS DE OBSERVAÇÃO



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestranda: Elizângela de Moraes Pereira

e-mail: liliemp33@hotmail.com

RELATOS DE OBSERVAÇÃO DA SALA DE AULA DA PROF 1

1º DIA – 21/10/2015

A Prof 1 trabalha com a turma de Educação Infantil de Pré II da tarde, a qual funciona no mesmo espaço físico da sala de aula da Prof 4 que leciona pela manhã. Como mencionado no texto que trata da observação da turma desta professora, a sala fica do lado esquerdo e é a primeira do corredor desse lado. Toda a organização pedagógica e a disposição dos móveis da sala é exatamente igual das duas professoras. Essa turma, porém, contém 22 (vinte e dois) estudantes, sendo 10 (dez) meninos e 12 (doze) meninas, com 5 (cinco) anos de idade.

Quando as crianças da turma chegam vão direto para a sala de aula. A professora recebe-os e já inicia a aula com a correção das atividades para casa nos cadernos. Depois disso, a professora continua a aula com uma oração. Em seguida cantam algumas músicas infantis e conta uma história de um livro infantil para a turma. Não conversa com os alunos sobre o tema descrito no texto. Esses momentos são sequenciados pela escolha de alunos ajudantes de sala.

As atividades de hoje voltaram-se para a identificação da grafia e do som de algumas letras do alfabeto e logo após, foi realizada uma atividade com a turma dividida em dois grandes grupos de leitura de pequenas palavras.

De acordo com a cultura da escola, a merenda é servida à tarde as 15h e o intervalo de recreio acontece entre as 15:15h e 15:30h.

Apesar de essa turma da Prof 1 utilizar a mesma sala da turma da Prof 4 e conter nela os mesmos cartazes, inclusive o de Palavras Mágicas, a Prof 1 não utilizou-o na sua rotina. Durante a aula ocorreram várias situações conflitantes em sala e durante o horário do lanche e o intervalo do recreio. Vários alunos e alunas envolveram-se em pequenas brigas, partindo do uso de palavrões e dois casos de mordidas entre colegas. Durante a aula a Prof 1 teve que trocar duas duplas de crianças de lugar para poder continuar a aula e esses pararem de discussões.

2º DIA – 22/10/2015

Nesse segundo dia, a aula seguiu o seu ritmo rotineiro com a correção para casa, a oração, as canções e histórias infantis e as atividades diárias. Hoje, com atividade no livro de Língua Portuguesa e depois atividades xerografadas de alfabetização.

Contudo, durante a aula de hoje, os alunos da Prof 1 tiveram um comportamento pior que o do dia anterior. Apesar de a professora logo no início da aula ter conversado com todos sobre o mau comportamento que a maioria teve ontem, mesmo assim, aconteceram algumas situações com crianças mostrando a língua a outras, discutindo por objetos ou brincadeiras, agredindo colegas com tapas e palavrões e respondendo agressivamente à professora após esta ter ralhado com as crianças que estavam brigando entre si.

3º DIA – 03/11/2015

Durante a observação à aula de hoje da Prof 1 pôde-se perceber que ela faz um tremendo esforço para conseguir dar sua aula sem conflitos, mas, apesar de estar sempre brigando com as crianças, essas não atendem e desobedecem deliberadamente.

A aula foi iniciada com a oração rotineira e todos os procedimentos já citados nas observações dos dois dias anteriores. As atividades de hoje foram trabalhadas após explicação no livro de Ciências e atividades de alfabetização nos cadernos de Língua Portuguesa.

Em vários momentos a professora teve que parar a aula devido aos pequenos conflitos, porém contínuos que ocorreram durante todo o decorrer da aula de hoje. Foram observados trombos entre alunos, desobediências à professora, conversas paralelas durante as explicações e com isso, a Prof 1 brigava com as crianças continuamente, fofocas e alguns mostrando a língua aos outros. Dessa forma, a professora foi obrigada a fazer com eles um contrato de convivência, pôr algumas crianças “para pensar no cantinho da reflexão”, deixar outros três sem sair para o recreio, outro alunos, foi levado à secretaria da escola para conversar com a Gestora, tendo em vista que a professora não havia conseguido convencê-lo a melhorar o comportamento em sala de aula.

4º DIA – 04/11/2015

A aula da Prof 1 é iniciada novamente com oração e a sequência de momentos diários que fazem parte da cultura da escola e consequentemente dessa sala de aula.

A atividade pedagógica de hoje foi realizada com dois grupos que deveriam formar palavras e ler para a professora. Após a conclusão dessa tarefa, os grupos foram desfeitos e ao alunos ouviram a leitura da professora de um texto de um conteúdo de Ciências e depois realizaram a interpretação do mesmo, com a ajuda da docente, a qual aproveitou para explicar novamente o assunto em estudo e após essas atividades ocorreu o lanche e o recreio e antes do final da aula, ainda houve mais uma atividade no livro de alfabetização e outra atividade no caderno.

No entanto, a prof 1 não conseguiu ter sossego para realizar todas essas atividades com a turma hoje novamente. Durante todo o processo houveram várias situações de confusão e indisciplinas: brigas entre dois alunos, interrupção da aula constantemente, desobediências, alunos de castigo no horário do recreio, palavrões, arengas, aluno de castigo na secretaria durante a aula, alunos fazendo gestos

obscenos com os dedos e finalmente, a necessidade de chamar uma pessoa responsável para a professora e a Gestora da escola conversar sobre o comportamento de alguns alunos.

5º DIA – 05/11/2015

Hoje, último dia de observação da turma da Prof 1 a aula novamente seguiu o seu ritmo de aula e de confusões entre os alunos. Ao início, a oração diária, a leitura do calendário e observação do dia de hoje e mês do ano, a escolha do ajudante do dia.

Contudo, antes de dar início às atividades pedagógicas, que foram relacionadas a um assunto de Ciências em atividade no quadro e no livro, a professora principiou conversando com todos sobre o péssimo comportamento do dia anterior de vários alunos.

A Prof 1, porém, mais uma vez teve sua aula atrapalhada por comportamentos muito ruins de várias crianças. Dessa vez, muitas interrupções na aula para chamar a atenção deles sobre o mau comportamento durante as explicações; alguns alunos ficaram novamente de castigo no “cantinho da reflexão” porque fez gesto obsceno com o dedo para outro colega e porque mostrou a língua. De novo, a professora teve que encaminhar os alunos envolvidos em algumas brigas para a Secretaria da escola, precisou chamar a educadora de apoio da escola por duas vezes para tentar convencer as crianças a comportarem-se melhor (não deu certo) e mais uma vez foi preciso chamar a atenção de dois responsáveis por crianças dessa turma.

RELATOS DE OBSERVAÇÃO DA SALA DE AULA DA PROF 2

1º DIA – 10/11/2015

As aulas da Prof 2, acontecem no turno vespertino, inicia com a percepção da data no calendário em forma de cartaz pendurado à parede, ao lado do quadro branco e em seguida a contagem em grupo da quantidade de alunos, entre meninos e meninas.

Da mesma forma que as outras salas de aula dessa escola, o espaço é dividido em cantos específicos (de matemática, de leitura, de apresentação de cartazes e trabalhos escolares) e contém 22 (vinte e dois) estudantes.

A estrutura física da sala é de 4x5m, sendo a porta com 90cm de largura, disposta do lado esquerdo do quadro branco. Os móveis da sala são mesinhas de alunos, todas com 6 (seis) cadeirinhas coloridas distribuídas ao redor dessas mesas. A mesa secretária da Prof 2 fica em frente ao quadro e o armário do seu lado esquerdo.

Antes de iniciar as atividades pedagógicas a professora chama os alunos a cantar músicas infantis e nesse momento as crianças expressam alegria e ficam bem à vontade.

A primeira atividade pedagógica do dia é uma leitura e interpretação da professora e conversa com as crianças. Foi iniciada uma atividade no livro e oralmente e em seguida outra atividade no caderno com pesquisa e colagem de figuras.

Durante a atividade, a professora reclamou com uma das crianças que empurrou, sem querer, uma colega, porque a mesma foi incentivada a pedir desculpas e se recusou a pedir.

Após resolver a questão, a Prof 2 iniciou o momento da merenda e depois liberou o recreio.

Quando voltaram do intervalo, foi iniciado uma atividade lúdica com a utilização de material em MDF (Sigla de Medium Density Fiberboard, que significa placa de fibra de média densidade) de somar e subtrair, de forma competitiva entre meninos e meninas.

Durante essa atividade as crianças conversaram bastante, mas não

houve conflitos que necessitasse de intervenção mais enérgica da professora.

2º DIA – 11/11/2015

Igualmente à atividade do dia anterior, a Prof 2 seguiu a mesma rotina inicial com a percepção da data no calendário, contagem dos alunos, correção da atividade enviada para casa no dia anterior e músicas infantis.

O momento da primeira atividade pedagógica do dia foi realizada no caderno com tarefa na disciplina matemática. Como a Profa precisava interagir com as crianças, elas empolgaram-se e iniciaram conversas paralelas; outros levantaram-se e esbarraram nos colegas e outro pediram desculpas após o pedido da professora, mas foi preciso mudar os dois alunos de lugar durante a aula.

3º DIA – 12/11/2015

Novamente a Prof 2 seguiu a rotina inicial do dia. Ao iniciar as atividades, os estudantes já demonstraram que estavam inquietos hoje.

A Professora passou a ensinar-lhes as horas exatas e meia hora, utilizando um relógio de parede e nesse momento alguns alunos ficaram mais agitados que nos dias anteriores. Da mesma forma que nas demais atividades do dia as crianças participaram de conversas paralelas e fofocas.

Quando a Prof 2 perguntou o que estava acontecendo, uma das alunas mentiu para a docente, piorando ainda mais o conflito que já estava acontecendo. A professora parou então a aula e conversou com todos sobre o valor da verdade e o quanto a prática de mentiras e fofocas são feias em todas as idades.

Depois dessa conversa, reiniciou o jogo do dia anterior com a competição entre gêneros, mas foi necessário parar devido ao mau comportamento dos infantes.

4º DIA – 13/11/2015

Hoje, quarto dia de observação da turma da prof 2 após o início rotineiro, as atividades pedagógicas foram realizadas primeiro tendo como recurso o livro didático de alfabetização e depois no caderno de classe.

Algumas conversas entre as crianças foram observadas, mas hoje as crianças estão bem mais calmas. Não houve nenhum motivo para reclamações da professora.

5º DIA – 16/11/2015

Nesse último dia de observação da sala de aula da Prof 2 , apenas duas crianças saíram de seus lugares durante as atividades e em duas mesinhas houve conversa paralela durante os momentos de explicação da atividade.

Os alunos, entretanto não exageraram nas conversas e assim não houve motivos para maiores conflitos entre eles e tampouco de intervenções enérgicas da professora.

RELATOS DE OBSERVAÇÃO DA SALA DE AULA DA PROFª 3

1º DIA – 20/10/2015

A sala de aula de Educação Infantil da Prof 3, Pré II do turno matutino, fica do lado direito, sendo a primeira do corredor. A porta possui 60cm por 2m de altura fica à esquerda do quadro e em frente a este, a mesa da professora. As crianças sentam-se em cadeirinhas ao redor de mesas adequadas à altura dos pequeninos. São quatro mesas com 6 (seis) cadeirinhas, cada uma. A turma contém 20 (vinte) estudantes, sendo 10 (dez) meninos e 10 (dez) meninas, com 4 (quatro) anos de idade. Hoje faltaram 3 (três) estudantes.

A sala de aula tem aproximadamente (4x5m), quatro metros de largura por cinco metros de comprimento. Do lado direito da porta, há um cartaz com palavras mágicas em Libras – Língua Brasileira de Sinais (por favor, obrigado, com licença, desculpa), e sempre em sequência os seguintes cartazes e móveis: sílabas simples, quadro de atividades, chamadinha (com os nomes das crianças dessa turma e da turma da tarde), uma estante de livros, um armário, um quadro branco, um cartaz de aniversário, um calendário e em cima do armário há um teatro de fantoches de madeira.

Preso à parede acima do quadro branco, há um grande ventilador, o qual é ligado assim que a professora entra na sala, visto que o clima do local é sempre muito quente.

Quando as crianças da turma chegam vão direto para a sala de aula. A professora recebe-os e em seguida, após acomodarem-se em suas cadeiras, a professora inicia a aula com uma oração. Em seguida seguem-se alguns momentos de rotina, como: alongamento, momento de brincadeiras dirigidas, observação do calendários. Hoje as atividades voltaram-se para a identificação de números, identificação de letras do alfabeto e de algumas sílabas e a partir dessa fase, a professora apresentou a formação de algumas palavras (atividade muito além da necessidade de aprendizagem para a faixa etária dessa turma).

Na cultura dessa escola, a merenda é servida às 09:30h e o intervalo de recreio acontece entre as 09:45h e 10h. Apesar de alguns estudantes levarem seu próprio lanche e outros não levarem, não ocorreram agitações por causa disso.

A professora reiniciou a aula partindo de onde havia parado em uma atividade no livro. Como duas crianças estavam sem lápis, no primeiro momento dessa atividade houve um pequeno tumulto, principalmente porque quem tinha o lápis não queria emprestar, dessa forma, uma delas pegou à força o lápis da colega e a professora prontamente interveio, tentando acalmar os ânimos e providenciando lápis para os dois.

Durante esse primeiro dia de observação na sala de aula de educação infantil da Prof 3 pude perceber que a turma, mesmo sendo de crianças muito pequenas não apresentou hoje conflitos que necessitassem de uma intervenção mais enérgica da professora.

2º DIA – 21/10/2015

No segundo dia de observação da turma da Prof 3, novamente ela iniciou a aula recebendo os alunos e seguindo a rotina do dia anterior.

O primeiro momento com a oração e após as brincadeiras com as crianças. Em sequência, ela verificou com os pequenos o dia da semana e o mês no calendário pregado à parede, apresentou as palavras mágicas (por favor, com licença, obrigado e desculpa) em Libras e contou uma pequena história para os (as) alunos(as).

As atividades foram vivenciadas no livro das crianças após a leitura de algumas letras, sílabas e palavras no quadro branco.

Às 09:30h aconteceu o horário do lanche individual e merenda da escola e logo depois, o recreio aconteceu no pátio.

Quando voltaram à sala de aula, alguns pequenos conflitos ocorreram devido novamente por causa de um lápis para escrever e mais uma vez a professora solucionou o problema conversando com os envolvidos.

Depois das atividades propostas e realizadas com a ajuda da professora, as

crianças participaram de jogos pedagógicos, mas dessa vez não houve nenhuma contenda entre eles.

3º DIA – 22/10/2015

A aula de hoje iniciou com a oração e após, as crianças cantaram músicas infantis com a ajuda e incentivo da professora. Em seguimento, de acordo com a rotina estabelecida pela escola e seguida por todas as professoras, o calendário foi utilizado e o cartaz com as palavras mágicas em Libras também.

A atividade pedagógica de hoje foi realizada pela Prof 3 com o uso de um jogo confeccionado com um material emborrachado, o qual chamou a atenção das crianças. A leitura de hoje foi realizada com o livro “ABC dos bichos” e através dele, a professora trabalhou a identificação do alfabeto.

Durante a atividade no livro didático, uma criança cuspiu a outra que estava sentada ao seu lado, aparentemente por birra, não dizendo à professora o real motivo do ato. Esta, por sua vez, resolveu novamente esse pequeno conflito falando da necessidade de uma boa convivência entre colegas e que o que cuspiu deveria pedir desculpas para o colega. E assim foi feito.

4º DIA – 23/10/2015

A aula de hoje da Prof 3 iniciou na sala de aula com a oração costumeira e após isso, ela levou os alunos e alunas para o pátio da escola e lá após organizá-los(las) no chão em U, fez uma leitura de uma história que falava em amor ao próximo. Ao concluir conversou com os pequenos sobre o enredo da história e perguntou-lhes se já haviam passado pela situação expressa no texto. Algumas crianças expressaram-se, contando o que havia acontecido com eles e outros apenas ouviram os relatos.

Ao voltarem para a sala de aula a rotina de estudos, atividades, merenda e recreio seguiu-se normalmente. Ao regressarem do recreio duas crianças iniciaram um novo conflito, dessa vez sobre uma brincadeira. A Prof 3 falou com eles sobre as

palavrinhas mágicas e ambos resolveram para de brigar e abraçaram-se, pedindo desculpas um ao outro.

5º DIA – 03/11/2015

O quinto e último dia de observação à turma da Prof 3 foi bem diferente dos dias observados anteriormente.

O primeiro momento da aula antes do recreio seguiu a mesma rotina com a oração de todos os dias, músicas infantis com as crianças, a leitura do calendário e destaque do dia da semana e o mês vigente, contagem das crianças e leitura das palavras mágicas.

Em relação à atividade pedagógica, seguiu-se a identificação de números e em outro período a identificação das letras do alfabeto e famílias silábicas. Durante esse primeiro momento, a Prof 3 sentiu a necessidade de dar pequenas broncas na turma toda devido à falta de atenção durante a atividade, porém de forma controlada e tranquila. As crianças, de pronto, atenderam-na.

Após o recreio, a Prof 3 não retornou à sala de aula e a turma recebeu a visita de um policial militar, o qual é instrutor do Programa Educacional de Resistência às Drogas - PROERD, dando uma pequena palestra tratando sobre a prevenção ao uso de drogas ilícitas e ainda sobre os sinais de trânsito onde utilizou imagens para ilustrar o tema. Também fazia parte da palestra os temas: Telefone de emergência 190; como as crianças devem comportarem-se em público; Não conversar com pessoas estranhas; Não entrar em locais estranhos; Não abrir a porta de casa para estranhos e Não tocar em armas.

A palestra foi realizada de acordo com a faixa etária das crianças (4 anos) e foi encerrada com a música tema do Programa. Todas as crianças participaram ativamente de todos os momentos da palestra.

RELATOS DE OBSERVAÇÃO DA SALA DE AULA DA PROF 4

1º DIA – 04/11/2015

A sala de aula da Prof 4, Pré II do turno da manhã, é localizada do lado esquerdo, sendo a primeira do corredor desse lado. Igualmente às outras salas de aula dessa escola, a porta possui 60 cm por 2m de altura e nessa sala fica à direita do quadro branco. À sua frente está a mesa secretária da professora. As crianças sentam-se em cadeirinhas coloridas ao redor de mesinhas, cada uma com 6 (seis) assentos, cada uma. Essa turma contém 24 (vinte e quatro) estudantes, sendo que 3 (três) possuem alguma deficiência. São 11 (onze) meninos e 13 (treze) meninas, com 4 (quatro) anos de idade. Hoje faltaram 2 (dois) estudantes. Como essa turma possui estudante com deficiência, é a única dessa escola que atua com uma professora regente e uma professora auxiliar.

A cultura dessa escola, no que tange à movimentação de chegada dos estudantes ao ambiente escolar é sempre o mesmo em todas as turmas, ou seja, as crianças ao entrar, vão direto para a sala de aula. Após as professoras recebê-los e acomodá-los em suas cadeiras, a professora regente - Prof 4 - inicia a aula com uma oração. Seguidamente trabalha com as crianças o dia da semana e o mês do ano com a ajuda de um grande calendário preso à parede, realiza com eles a observação do tempo (clima) do dia e marca em um cartaz, promove momentos de leitura de historinhas e de canto de músicas infantis.

No decorrer da aula, a professora auxiliar fez uma leitura de um texto com a turma, enquanto a professora regente - Prof 4 - fazia a correção de atividades que as crianças fizeram em casa em seus livros didáticos. Após esse momento, a mesma iniciou uma atividade de Ciências no livro e logo depois fez a chamada dos alunos.

Em seguida, aconteceu o horário do lanche e o recreio. Quando as crianças voltaram para a sala de aula a professora concluiu a atividade de ciências. Em todos os momentos durante a aula e o recreio não aconteceu nenhum conflito. Durante as atividades especialmente, todas as crianças permaneceram sentadas e em silêncio.

Durante esse primeiro dia de observação na sala de aula de educação infantil da Prof 4 pude perceber que a turma, mesmo sendo de crianças muito pequenas e algumas portadoras de algumas deficiências comportaram-se muito bem e assim, no dia de hoje, não houve necessidade de intervenção das professoras sobre mau comportamento da turma.

2º DIA – 05/11/2015

Na aula de hoje, após a oração, a observação do tempo e do calendário, a primeira atividade realizada foi uma leitura individual com cada estudante, onde todos os outros permaneciam em silêncio, cada um na sua vez. Essa atividade levou em média de 30 a 40 minutos.

Depois dessa atividade, a professora regente - Prof 4 - nomeou o ajudante do dia e pediu para este, um menino, ajudá-la a entregar os livros aos demais colegas. E Assim, iniciou-se uma atividade de Ciências no livro didático, continuação da atividade do dia anterior.

E assim, logo depois do lanche e do recreio, as crianças reiniciaram a mesma atividade e depois de guardar a atividade para casa, foram embora. No entanto, apenas um estudante permaneceu na escola com a sua mãe, sendo encaminhados à secretaria para uma conversa com a gestora da escola sobre o comportamento dessa criança neste dia, pois o mesmo havia machucado uma colega durante o recreio. Durante a aula, a professora não reclamou com a criança.

3º DIA – 06/11/2015 e 4º DIA – 10/11/2015

A rotina da aula na turma da Prof 4 nesses dois dias foi exatamente igual às dos dias anteriores: oração, músicas e histórias infantis, leitura individual com as crianças, calendário, tempo, contagem de quantidade de meninos e de meninas, atividade no livro (dessa vez de alfabetização), merenda, recreio e continuação da atividade.

Igualmente ao primeiro dia de observação dessa turma, durante a observação realizada nessas duas datas não ocorreu nenhum mau comportamento de nenhuma das crianças.

5º DIA – 11/11/2015

No último dia de observação da aula da Prof 4, em todo o trajeto de atividades rotineiras, as crianças novamente comportaram-se muito bem, exceto um aluno, que é tido pelas duas professoras como “aluno-problema”.

Como a turma é sempre muito bem comportada, diria até, ao extremo, o citado aluno recebeu das duas docentes essa denominação por ser o único que foge do “natural estado de quietude” das demais crianças. Por ser muito agitado, natural da maioria das crianças em sua normalidade infantil, esse aluno conversa com as outras e a partir daí surgem as conversas entre algumas outras e posteriormente algumas fofocas. No geral, as crianças dessa turma não agem de forma descontrolada e mau comportada para que seja preciso as professoras pararem qualquer aula para fazer reclamações de suas condutas.

RELATOS DE OBSERVAÇÃO DA SALA DE AULA DA PROF 5

1º DIA – 25/11/2015

A sala de aula de Educação Infantil da Prof 5, Pré II do turno da tarde, é a terceira sala de aula do lado direito do corredor. A porta possui o mesmo padrão das demais salas da escola, ou seja, 60 cm por 2m de altura fica à esquerda do quadro e em frente a este, a mesa secretária que as professoras da manhã e a da tarde usam. Também nesta sala, as crianças sentam-se em seis cadeirinhas ao redor de mesas. A turma de 22 (vinte e duas) crianças, sendo 10 (dez) meninos e 12 (doze) meninas, com 4 (quatro) anos de idade dividem as quatro mesinhas existentes na sala de aula. Hoje faltaram 5 (cinco) estudantes.

A sala de aula também tem (4x5m), quatro metros de largura por cinco metros de comprimento e do lado direito da porta, existe um cartaz com palavras mágicas em Libras – Língua Brasileira de Sinais (por favor, obrigado, com licença, desculpa), da mesma forma que em outras salas e os seguintes cartazes e móveis: sílabas

simples, quadro de atividades, chamadinha (com os nomes das crianças dessa turma e da turma da tarde), uma estante de livros, um armário, um quadro branco, um cartaz de aniversário, um calendário e em cima do armário há um teatro de fantoches de madeira. Tudo padronizado como as salas de aula já citadas.

Há também um grande ventilador, o qual é ligado assim que a professora entra na sala, haja vista que o clima quente da cidade.

As crianças da turma chegam e logo vão para a sala de aula, onde a professora recebe-os iniciando a aula com uma oração. Logo após a rotina é iniciada com momento de canto de músicas infantis e a chamada. Em seguida, a Prof 5 relembrou às crianças as regras da brincadeira amarelinha, fez a leitura de uma historinha, fez o sorteio do ajudante do dia e contou o número de alunos. A atividade foi realizada com o auxílio do livro didático sobre os sinais de trânsito.

De acordo com a cultura da escola, a merenda foi servida as 09:30h e o intervalo de recreio aconteceu entre as 09:45h e 10h.

A aula ocorria tranquilamente, quando um aluno começou a chorar porque outro bateu nele. Este foi alertado pela Prof 5 que não deveria fazer tal ato, mas mesmo assim, foi necessário que ficasse sem recreio. Aconteceram muitas conversas paralelas.

Depois que todos voltaram do recreio, o mesmo aluno que havia ficado sem recrear ainda bateu novamente no colega. A professora apenas ameaçou de castigá-lo pelo mau comportamento e desobediência, mas apenas o trocou de lugar, deixando-o longe do outro colega que havia apanhado.

2º DIA – 27/11/2015

A aula da Prof 5, nesse dia, transcorreu muito parecida com a do dia anterior no que diz respeito à rotina. A atividade de hoje foi para olhar-se no espelho e representar expressões faciais diferentes, como de tristeza, alegria, medo, etc). No livro, as crianças estudaram hoje artes e formas geométricas.

No mais, ocorreram muitas conversas paralelas e para resolver a situação, a Prof 5 apenas trocou algumas crianças de lugar.

3º DIA – 01/12/2015

Novamente a rotina transcorreu normalmente, com a oração, músicas infantis, escola do ajudante do dia.

Hoje, porém, a Prof 5 realizou uma brincadeira com as crianças denominada “Gato e Rato”, antes e depois do horário do recreio. No segundo momento, contudo, a brincadeira teve que ser interrompida, pois um dos alunos não queria dar a vez para os outros colegas brincarem também.

As outras alterações de comportamento dos alunos foi o fato de que um e outro “passeavam” pela sala em momento inoportuno e com isso, a Prof 5 mais uma vez trocava esses de lugar para não perturbarem as crianças da mesma mesa e outro que pegou “emprestado” um material de uma colega indevidamente e sem pedir. A professora reclamou e aconselhou-o a não fazer isso novamente.

4º DIA – 02/12/2015

A aula hoje ocorreu de forma mais curta, porque aconteceu uma Assembleia com o sindicato dos professores na escola. Mesmo assim, deu tempo para realizar a primeira parte da rotina que faz parte da cultura da escola, uma atividade no livro de alfabetização.

De forma inusitada, um estudante desferiu um tapa em uma colega, porque essa pegou sua borracha sem pedir permissão. A professora reclamou e apenas ameaçou colocá-lo de castigo.

5º DIA – 04/12/2015

Neste último dia de observação na sala de aula da Prof 5, a aula também foi muito rápida, pois a professora precisou ausentar-se mais cedo da escola.

Após a rotina diária, concluíram uma atividade no livro de alfabetização.

Aconteceram apenas, algumas conversas paralelas, duas crianças tentaram “furar a fila” da merenda e durante a aula não esperam a hora de falar. A professora conduziu esses momentos com tranquilidade e as crianças hoje aceitaram calmamente o que ela falou sobre o comportamento ideal que deveriam ter.

RELATOS DE OBSERVAÇÃO DA SALA DE AULA DA PROF 6

1º DIA – 12/11/2015

A Prof 6, Pré II do turno matutino, trabalha na mesma sala de aula da Prof 5 que trabalha pela manhã.

Da mesma forma que a colega do turno matutino, a rotina cultural da escola ocorre de forma muito parecida, até porque ambas utilizam os mesmos procedimentos, cartazes e demais recursos materiais.

Após receber as crianças, a professora inicia a aula com uma oração, canto e brincadeiras. Os trabalhos pedagógicos ficaram a cargo de uma atividade no livro de alfabetização e depois uma atividade oral de leitura de palavras. No horário determinado para a merenda escolar todos comportaram-se muito bem.

Ocorreram apenas conversinhas e arengas durante o recreio. A professora colocou o aluno de castigo ao voltar para a sala de aula, conversou com ele e disse para ele refletir sobre o seu comportamento.

2º DIA – 13/11/2015

A aula começou com a oração, músicas, leitura do alfabeto em um cartaz e observação do dia da semana e do mês no calendário da sala em forma de cartaz.

No segundo momento, foi iniciada a continuação da atividade do dia anterior e uma segunda atividade depois do recreio, com leitura coletiva e depois individual para ler palavras. A Prof 6 ainda corrigiu as atividades que havia enviado para casa.

Percebe-se que a Prof 6 trabalhou com as crianças desde o início do ano letivo as palavrinhas mágicas (por favor, com licença, obrigado, desculpa) pela atitudes das crianças que normalmente comportam-se muito bem.

3º DIA – 16/11/2015

Depois de acomodarem-se, as crianças ficam tranquilamente aguardando a Prof 6 iniciar a aula com a oração, depois cantar as músicas infantis rotineiras, a leitura do alfabeto que está coado na parede.

Hoje, a professora fez com as crianças uma atividade lúdica bem diferenciada, mesmo assim, todos aguardaram a sua vez. Ela entregou números para as crianças, uma por vez, de olhos vendados, reconhecerem através do tato.

Antes, porém de iniciar o recreio fez algumas recomendações sobre o comportamento ideal e todos seguiram à risca.

Hoje transcorreu tudo tranquilamente, não sendo preciso a Prof 6 fazer qualquer tipo de reclamação com seus alunos.

4º DIA – 17/11/2015

O diferencial da rotina de todos os dias, ocorreu apenas em decorrência do tipo de atividade pedagógica que a Prof 6 realizou com seus alunos e alunas, que foi uma atividade de adição no quadro, a qual ela pedia para algumas crianças responderem diretamente na lousa.

Hoje, ocorreram poucas conversas paralelas e fora de hora. Não houve motivos para reclamações.

5º DIA – 18/11/2015

Hoje, último dia de observação da Prof 6, ainda tentei convencê-la a participar da entrevista e mais uma vez ela nega-se.

Sua aula transcorreu normal e tranquilamente, na forma como conduz a rotina, às atividades. Apenas duas crianças envolveram-se em fofocas e um pequeno conflito teve início na sala, o qual, ela, a professora resolveu calmamente.